

TRAGO O SEU
AMOR DE VOLTA
EM 7 DIAS

YULE TRAVALON



**TRAGO O SEU
AMOR DE VOLTA
EM 7 DIAS**

Yule Travalon

*“Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias”.*
Fernando Pessoa.

Prólogo

Parte Um – Vânia

Parte Dois – Carlos Eduardo

Parte Três – Vânia

Parte Quatro – Carlos Eduardo

Parte Cinco – Vânia

Parte Seis – Carlos Eduardo

Parte Sete – Vânia

Parte Oito – Carlos Eduardo

Parte Nove - Vânia

Parte Dez – Carlos Eduardo

Parte Onze – Vânia

Parte Doze – Carlos Eduardo

Parte Treze – Vânia

Parte Quatorze – Carlos Eduardo

Epílogo

Sobre Yule

Conheça Café Coado na Calcinha

Antes de começarmos, permitam-me os agradecimentos.

Escrever é uma tarefa árdua. E quando enlouqueço, escrevo muita coisa de uma só vez e entrego aos leitores betas para que eles possam ler, avaliar, corrigir e me auxiliar para aprimorar a escrita. Então antes de qualquer coisa, preciso agradecer de coração aos meus leitores betas *Daniel Rapchan*, *Brena Luz*, *Homero Malta* e a amadíssima *Nathália Novikovas* por terem feito esse trabalho em tempo recorde! Também a *Lucas Bernardes* pela preocupação e correria com a capa. Eu os amo profundamente e tem sido uma longa caminhada até aqui. Agradeço por não terem soltado a minha mão.

Tive ajuda, suporte e apoio de vários escritores e por isso preciso agradecê-los. *Icaro Trindade* além de me aconselhar, abalou as muralhas de Jericó com aquela capa de *Café Coado*, *Tom Adams* me presenteou com seu tempo e encorajamento, *Josiane Veiga* deu-me suporte e força, *Luke Marceel* igualmente deu-me apoio e através da confiança desses maravilhosos, eu fiquei um pouco mais confiante sobre as obras que pretendo publicar neste primeiro semestre de 2017. Tive também a honra de receber apoio e divulgação da maravilhosa diva *Anne Krauze*, então só por aí, eu já podia mandar passar a régua e pedir a conta que a festa já havia valido à pena. O meu muito obrigado, todo o meu carinho e apoio para vocês, meus amados colegas de trabalho.

Preciso também dedicar a *Mell*, por que ela é a minha cigana. Ao *João Britto* por ser o meu melhor amigo e me dar conforto nos momentos mais difíceis. *Thiago Souza* e *Lucas Oliveira* que são quase uma entidade única em meu coração.

E por lei, preciso também agradecer e dedicar às novas leitoras que encontrei em *Café Coado*. Então, todo o meu amor e coração à *Charmaine Heringer* que iluminou os meus dias e trouxe-me muito mais do que eu merecia e muito mais do que eu poderia ter. Suas palavras me reergueram e seu carinho me fortificou. Oro para que você sempre tenha ao seu alcance pessoas abençoadas que possam ser a sua Charmaine!

Junto a ela, preciso agradecer a todas as pessoas que avaliaram *Café Coado* e teceram as suas críticas por e-mail e inbox. Eu realmente me importo em escutá-los, pois minha literatura só irá amadurecer com a vossa ajuda. Muito obrigado a “*C. L.*”, *Rose Oliveira*, *Mariely Santos*, *Alessandra*, *Karina Altobelli*, *Laís Pereira*, *Thera Albuquerque* e todas as outras pessoas que comentaram/avaliaram e infelizmente eu não sei quem são. Não tem preço receber o feedback de vocês! Recebam o meu carinho, gratidão e amor.

Também vou agradecer aos meus pais, que numa noite dessas me perguntaram “que história é essa de *Café Coado* na *Calcinha?*” e a *Manoel*, pela parceria, carinho e amor. Agradeço por entender as minhas loucuras literárias e meus surtos de isolamento para produzir.

Dedico este livro a todas as mulheres que são fortes, incríveis e únicas. E que infelizmente acabam esquecendo-se disso com o tempo.

Jamais se esqueçam.

Prólogo

A pior coisa que pode acontecer quando se vive uma história, é perceber que a protagonista não é você.

E quando essa é a história de amor da sua vida, que foi construída por vinte anos, fica ainda mais doloroso quando ocorre a descoberta de uma nova protagonista. Mais jovem. Mais bela. Mais atraente. Abençoada por ser ilimitada e muito mais interessante.

A psicologia costuma dizer que quando sofremos um trauma ou precisamos entrar em um processo de luto, a mente reage de quatro formas curiosas: primeiro vem a *negação* de que aquilo realmente ocorreu.

Nada aconteceu. Já faz duas semanas que George sumiu de casa, após uma briga que tivemos. Limpei os cacos de vidro do vaso de flores que ele destruiu e fingi que nunca houvera um [vaso de flores] em cima do rack. Quando abro o guarda-roupa ignoro a falta da maioria das suas peças. Quando nossos filhos me perguntam para onde o seu pai foi, finjo que estou muito ocupada no celular recebendo uma mensagem importante do trabalho. Tudo está em ordem. A casa é mais silenciosa agora. Nada de gritos, queixas e xingamentos. Há uma paz dilacerante que escorre do teto para as paredes e se refugia nos corredores. Minha cama, na verdade, nossa cama de casal, permanece barulhenta. Mas as coisas vão se ajustar.

Então, segundo a psicologia, vem a *culpa*.

Onde, afinal de contas, eu errei? Trabalho das seis da manhã às quinze da tarde. Viro a noite preparando o almoço do dia seguinte; preparo o lanche da Pietra, para que ela leve para a escolinha; deixo dinheiro para que o Matheus compre algo ao seu gosto para que coma no recreio. Arrumo a casa, lavo as roupas, os pratos, cuido até mesmo de Sofia, nossa cadela. Eu sempre deixo tudo em ordem. *Para quê?* Para chegar do trabalho no dia seguinte e ver o lixo que George fez. Garrafas de cerveja por todos os cantos, roupas abandonadas pelo sofá, o quarto de ponta cabeça. E mesmo nessa amarga vida de Amélia, visto um baby-doll novo, tento seduzi-lo mostrando que estou sempre pronta para tê-lo, mas ele prefere deitar e virar na cama, com o celular na mão. Diz que troca mensagem com os colegas de trabalho, mas eu sei que ela se chama Pâmela.

Eis que surge da escuridão de nossa mente o *medo*.

Não acredito que ficarei sozinha pelo resto da vida! E os nossos filhos? O que direi a eles? Como explicarei que o pai arranjou outra? Que fui trocada? Que posso ser substituída? Logo eu! A casa de quatro quartos, que sempre me parece grande na hora de arrumar, agora é gigante. Uma verdadeira mansão. E se eu nunca mais encontrar alguém? E se eu não for capaz de seguir sozinha e manter tudo em ordem? E se ele não voltar?

E, por fim, ladies and gentlemen, a *raiva*.

Ah, ele vai voltar sim. *Queira ele ou não*.

Parte Um – Vânia

Eu realmente irei fazer isso?

Uma mulher de trinta e sete anos de idade, que sempre conquistou tudo com o próprio esforço, apelará a uma magia para trazer o marido de volta? Sim. Pela negação, culpa, medo e raiva. Ah, principalmente pela doce e ácida raiva, que quando escorre pela minha garganta, queima como gastrite.

Tive raiva de George. Tive raiva de Pâmela. Mas acima de tudo, tive raiva de mim.

Eu não construí uma vida perfeita para vê-la desmoronar bem diante dos meus olhos! Tentei convencer George pelos nossos filhos. Por mim. Mas ele não deu nenhuma atenção aos meus apelos. Tudo o que ele fez foi sacar um bolo de dinheiro e jogá-lo em minha cara dizendo: *“tome, isso deve pagar as despesas das crianças”*.

Como ele ousa?

Depois de sumir por dois meses, ele simplesmente apareceu, pegou todas as roupas que sobraram e jogou dinheiro em minha cara como se eu fosse uma mulher barata e qualquer! Como se eu não tivesse sentimentos ou merecesse explicações! E não tivesse passado por uma turbulência na obrigação de fazer papel de pai e mãe em sua falta!

Eram muitas exclamações.

Eu irei resolver tudo isso.

George deixou de ser o homem dos meus sonhos há anos, desde então ocupou o lugar de um marido figurativo. Nunca fez nada pelas crianças, nunca fez nada por mim, nunca fez nada pela casa. E não bastasse todo esse descaso que eu conhecia, agora ele me obrigava a passar pela humilhação pública: os burburinhos na rua, na família e no trabalho não paravam.

Quando encaro as pessoas na rua, consigo ler os seus pensamentos. Elas olham para mim de esguelha e julgam: *“coitada, lá vai a mulher que foi trocada”*. Quando, é claro, eles não são mais gentis e falam *“olha lá a ex-mulher do George”* ou *“pobre mãe da Pietra e Matheus”*.

Porra, eu tenho nome!

Não sou apenas a mulher trocada, a ex-mulher dele ou a mãe de duas crianças maravilhosas. Eu também sou Vânia. Esse é o meu nome.

Mas todos que passam por mim na rua, não conseguem me ver dessa forma. Sou apenas um conglomerado de títulos figurativos que deveriam me fazer sentir importante. Mas na verdade, eles me privam de ser quem eu sou.

E George irá pagar por isso.

— Pois não? — uma voz gentil me raptou a atenção.

Eu encarei a cigana com um sorriso amargurado, por detrás dos grandes óculos escuros.

– Eu me chamo Vânia. Entrei em contato com a senhora há algumas semanas.

– Ah, pois não, queira entrar – ela respondeu, muito solícita.

Observei a mulher me dar as costas, fechei o portão da casa e a segui. Ela tinha os pés descalços no chão, usava um longo vestido púrpura e um xale repousava em seus ombros. Balançava o punho com seus braceletes dourados, e quando virou o rosto novamente para mim, pude ver seus anéis e brincos, que a primeira impressão pareciam caríssimos. Isso só podia significar que ela cobrava uma fortuna para os atendimentos, mas não fazia mal, eu estava disposta a entregar todo o dinheiro que George jogara em minha cara e todo o meu salário para ter aquele mal amado aos meus pés.

A mulher me encaminhou para uma sala que possuía a parede coberta por véus cor púrpura. O chão era coberto por um elegante tapete com bordado cuidadoso de uma mulher que segurava um cálice; várias almofadas estavam reunidas em um canto da sala. Ela me indicou a sua mesa redonda e eu caminhei devagar, atordoada, tentando não tropeçar em meus próprios pensamentos ou palavras.

Quando estávamos sentadas uma de frente para a outra, com uma bola de cristal entre nós e um bolo de cartas de baralho, ela sorriu.

Aquele sorriso foi o suficiente para me fazer desabar.

Não me recordava a última vez em que eu tinha chorado, mas aquele momento valeu por anos. Debrucei-me perante a mesa dela e escondi o meu rosto entre as mãos, aflita. As lágrimas saíam, os soluços ecoaram pela sala e pelo longo corredor de sua casa, mas o grito permanecia em meu peito. Eu tinha a sensação de que gritaria tão alto que um cálice de cristal quebraria ao som. Ainda assim, guardei aquele grito dentro de mim e senti o peito arfar. O coração bateu desregulado.

A cigana não me disse nada. Sequer me tocou. Quando saí do meu transe de lamúria que durou cerca de nove minutos, havia um copo com água logo à minha frente, com um quartzo rosa dentro do copo. Aquela água definitivamente não estava incolor. Ela empurrou o copo e disse “beba” com muita simplicidade.

Tentei meditar sobre o comando, mas bebi por impulso. Solucei dentro do copo e quase engoli a pedra, tão descuidada que fui.

Então voltamos a um silêncio profundo. Eu soluçava aflita, já que havia esgotado o meu estoque de lágrimas. Olhava para as paredes bem arrumadas com quadros de ciganas, imagens do sol, da lua, das estrelas, da natureza. E quando tive coragem para encará-la, comecei a falar.

– Eu o quero de volta.

– *Aham* – a cigana concordou, encarando-me.

– Eu não me importo mais se ele me ama. Eu não me importo mais se ele quer ficar comigo. Eu não me importo em descer para o inferno, mas eu quero aquele homem de volta aos meus pés! – eu disse, rangendo os dentes de raiva, descontrolada.

A cigana não me julgou com o olhar. Sua expressão permanecia impermeável. Seu olhar era doce, materno, tão cuidadoso. Eu podia ver na pupila de seus olhos que ela entendia pelo que eu estava passando. Eu não havia dado muitos créditos para aquele anúncio que vi em um poste enquanto ia para o trabalho. Mas agora, diante daquela mulher, eu podia ver pela sua postura forte e equilibrada que ela pisaria na lua, se fosse preciso. Eu estava diante de uma mulher muito poderosa.

– Continue, criança – a cigana pediu.

– São vinte anos de casamento – engoli o choro e o soluço. – Ele me tratava como uma rainha no início. Fazia tudo por mim. Mas depois que tive o Matheus, as coisas mudaram. Foi como se ele me olhasse com outros olhos...

– Quando Matheus nasceu? – a mulher perguntou.

– Há quinze anos.

A cigana ergueu a sobrancelha sutilmente. Puxou um bloco de papel em branco e recostou-o no colo. Passou a anotar alguma coisa, como se fosse uma psicóloga.

– Tive depressão pós-parto. Eu me culpo porque Matheus foi uma grande bênção para mim, mas eu me sentia diferente após o nascimento dele. George me olhava de forma diferente. Ele foi gentil e prestativo durante toda a gestação, mas passava muito tempo fora de casa também... Fui me sentindo sozinha... abandonada... mas quando Matheus nasceu, e por ele ser menino, o George ficou animado. Virou um pai coruja e cuidou do nosso filho como se fosse um tesouro.

– E quanto a você?

– Eu estive deprimida e triste, mas eu fazia o possível...

– Não. *E quanto a você?* – ela me interpelou. – Como ele te tratou?

Girei a chave do baú de minhas memórias. Abri um lugar empoeirado, cheio de papéis, gritos e brigas, todos acumulados. Puxei a lembrança necessária e olhei no fundo dos olhos dela.

– Eu tinha a sensação de que ele me ignorava. A sensação de ter sido abandonada.

A cigana fez um movimento breve com a cabeça e voltou a me encarar. Entendi que ela queria que eu prosseguisse.

– Ele era policial. Mas foi expulso da corporação por alguns problemas que cometeu. Depois disso começou a fazer um bico aqui... outro ali...

– E quanto a você? – a cigana perguntou.

– Eu o ajudei, é claro.

– Não – a cigana me interrompeu uma vez mais. Nesse instante, por um milésimo de segundo, percebi que ela se sentiu incomodada com a minha resposta. – *E você? O que faz da vida?*

– Eu sou Paramédica.

A cigana parou e encarou-me no fundo dos olhos. Ficou paralisada por dez segundos inteiros, para então recobrar os pensamentos e voltar para o papel em branco, completamente obtusa. Chocada. E eu tentei entender o porque daquela expressão.

– E foi afastada do cargo? – a cigana perguntou.

– Não. Trabalho muito bem, na verdade. Atualmente tenho me dividido entre o meu trabalho em um hospital e dar aulas para uma turma de jovens enfermeiros. Assim eu me ocupo e não... não... não penso nisso tudo.

A cigana anuiu gentilmente, um sorriso fino desenhado em seus lábios. Encarou-me, reviu as suas anotações sobre tudo o que eu havia dito e inquiriu com o olhar o que eu queria.

– Eu o quero. De volta para mim. Em sete dias, como o seu anúncio diz.

– Você quer esse *homem* de volta em sete dias... – a mulher de indumentária oriental falou, olhando para o vazio como se enxergasse um calendário.

– Pago o que for necessário. Se a senhora cobra mil eu pago dois mil. Se a senhora cobrar cinco mil eu pago dez.

A cigana abriu um sorriso. E aquele momento me marcou profundamente porque me lembrou da infância, quando eu estava na casa de minha avó e ela me contava histórias antes de dormir e sorria para mim, antes de sair.

– Pago o que for. Diga-me tudo o que precisa e eu darei um jeito.

– Por que você quer esse *homem* de volta, criança?

Essa pergunta eu não sabia responder. Pelo impulso tentei dizer que o amava, mas a boca não me permitiu. A língua enrolou, o cérebro parou e o som não saiu. Aquilo era mentira, eu sabia que era. Era apenas um casamento de fachada, no fundo da minha mente havia uma voz que gritava uma palavra, mas eu não sabia qual.

– Está disposta a gastar muito dinheiro com esse homem, criança – ela disse com um olhar reflexivo.

– Mas quanto dinheiro você está disposta a gastar consigo mesma?

Já ia usar a minha réplica quando repensei naquilo que ela disse. Foi a minha vez de arquear as sobrancelhas e olhar para o vazio, em busca da interpretação daquelas palavras. O que, afinal de contas, ela queria dizer com aquilo?

– Eu não entendo... – eu falei, como uma criança diria. Coisa que os adultos jamais diriam, por que eles sempre entendem de tudo.

– Permita-me te fazer uma pergunta – a cigana pediu e eu assenti. – Digamos que magia funciona... – ela disse isso com um sorriso que mesclava o bobo e o irônico. – Suponhamos, só por um segundo, que você adquira o poder de ter esse homem, ou qualquer outro homem de volta. O que te parece mais eficaz: uma magia que foque única e somente nesse homem para que ele volte aos seus pés? Ou uma magia para você?

– Para mim?

– *Empoderamento*. Uma magia para tornar-lhe magnética. Que transforme a sua vibração na vibração de uma abelha rainha, para que todas as outras abelhas te olhem, te respeitem, te reconheçam e, é claro, te desejem. Algo que trabalhe a sua imagem, a sua vibração, as suas atitudes.

– Hum... – tentei acompanhá-la.

– Por que você quer ter apenas este homem aos seus pés, quando você pode ter *todo e qualquer* homem aos teus pés? O que este tem de especial que você gastaria dez mil reais com ele?

– Ele me machucou, você não entende?

– Entendo – a cigana disse. E pelo olhar dela, eu tinha de concordar, ela entendia mesmo. – E você irá recompensá-lo gastando dez mil reais para que ele possa viver diante da sua presença novamente? Quem aqui tem mais valor? O homem que custa dez mil reais ou você que precisa obrigá-lo a estar diante da sua presença?

Não. Eu não permitiria que ela me enganasse. Aquilo definitivamente era um truque.

– Vim aqui porque eu o quero. Em sete dias.

– E você pode conseguir. Ele. Eles. Outros. *Todos*. Mas a questão realmente importante aqui, querida Vânia, é: qual o seu valor?

– O meu valor? – perguntei, incomodada.

– Sim. Muitas pessoas me procuram para que eu faça os serviços que você prescreveu. E de fato eu tenho uma longa lista de clientes que pode atestar que eu trago o seu amor de volta em 7 dias. Mas as minhas clientes são mulheres poderosas que buscam homens poderosos. Vale a pena prender um homem milionário? Vale a pena atrair de volta um político influente? Vale a pena enfeitiçar um CEO poderoso? Vale – a cigana disse com muita sinceridade. – Agora, diga-me, criança, vale realmente a pena fazer isso com um *pé de chão*? Alguém que não tem onde cair morto, que não te ama e que ao retornar para a sua vida só trará mais infelicidade?

Fui conquistada pela retórica dela, até o instante que ela disse que George não me amava. Como ela ousava? Ela sequer o conhecia! Ela sequer tinha visto uma foto dele ou pegado na camisa usada que eu havia trago para que ela fizesse o feitiço!

– Por que diz que ele não me ama? – perguntei, tentando engolir o orgulho.

– Os seus alunos não te amam. O seu George não te ama. Os seus superiores e inferiores não te amam. Por que você, Vânia, não se ama. E eu gostaria de trazer boas notícias e olhar no fundo dos seus olhos e dizer: trarei este homem em sete dias, e eu posso fazer isso. Mas você estará feliz?

– Não importa a minha fel...

– Só me envolvo em histórias que terminem com um final feliz – a cigana disse resoluta. – Volte aqui para que eu traga aos seus pés um homem poderoso, a quem vale a pena domar ou permita-me empoderá-la com o magnetismo da terra. Caso contrário, não posso ajudá-la em absolutamente

nada.

Parte Dois – Carlos Eduardo

Um homem poderoso não precisa de mais nada.

A única coisa que preciso fazer às nove da manhã é sentar à mesa e esperar. Acompanho a correria de Sônia para passar ferro em meu terno preto, camisa branca social e meu jaleco, para que eu possa enfim me dirigir ao trabalho. Marta vem afobada com uma bandeja com sete tipos de frutas cortadas para que eu me sirva. E Aline me envia mil mensagens, me liga desesperadamente, e eu a ignoro.

Ah, preciso erguer os pés também, quando Bárbara passa o aspirador de pó debaixo da mesa.

Pego garfo e faca pacientemente e desfruto do meu café da manhã.

Eu deveria, teoricamente, chegar ao Hospital Rota da Vida às seis. Mas quem faz isso? Não eu. As melhores baladas só acabam às três ou quatro da manhã e seria tolice imaginar que assim que a música chega ao fim eu vou para casa dormir. Saio com a garota mais linda da festa, termino a minha noite regada a champanhe e muito sexo, para somente então, cochilar por algumas horas e acordar disposto para um novo dia.

Qual seria a graça de ser um Dourado caso eu não desfrutasse da vida?

Quando Sônia aparece com as minhas vestes, levanto-me, com um pedaço de maçã verde na boca. Tomo os cabides de sua mão e ando pacientemente até a minha suíte para me aprontar.

Examino o corpo demarcado pelos chupões que me renderam um prazer imenso na noite anterior. Passo o desodorante spray nas axilas e o meu perfume importado no peitoral, abdômen bem desenhado e em meus braços. Visto a camisa social de mangas longas, abotoo todos os botões, até mesmo o do pescoço. Laço a gravata com uma parcimônia de quem está com o horário adiantado e não tem nada a se preocupar.

Meu pai é o dono do hospital, como eu seria demitido?

Levanto um pé, depois o outro e visto a calça preta. Calço os sapatos italianos, coloco o relógio de ouro e o meu colar de ouro com pingente de crucifixo.

Eu não precisaria pedir mais nada a Deus. E caso precisasse, recorreria ao espelho.

Fitei os olhos castanhos sérios no espelho, que me devolveram o prazer de corresponder o olhar. Eu gastaria uma hora em frente ao espelho se fosse preciso, pois a minha imagem era parte do poder que eu exercia. Sequei os cabelos úmidos com secador e passei spray, deixei-os arrumados em um topete jogado de lado.

Finalizei a indumentária com o terno e logo após, o jaleco. Conferi no relógio que eram quinze minutos para ninguém liga e voltei para a cozinha, finalizar o meu café da manhã.

– Marta, você poderia colocar essa água de coco em minha garrafa térmica, para que eu leve ao hospital? – Perguntei. Ela podia. Elas sempre podiam me obedecer. – Sônia, passe aquelas roupas que estão na primeira gaveta, tenho dois lugares para ir hoje à tarde, quando voltar do trabalho

– gritei, a voz grossa e séria, para mostrar que aquilo era uma prioridade.

Ao escutar a resposta positiva de ambas, puxei a minha mochila e coloquei a alça no ombro, segurei a mala preta e saí de casa, contando os passos, até a garagem. Eu ainda precisava dirigir o meu carro até o trabalho, o que significava mais trinta minutos longe do hospital. Deveria chegar às seis e chegarei mais ou menos às dez.

Sei o que você está pensando.

Que tenso né? Eu não ter motorista?

Pois é, o meu pai também acha. Mas eu prefiro dirigir o meu próprio carro. Assim eu posso passar em algum lugar antes de chegar lá, me atrasar mais alguns minutos, assistir o fim de alguma cirurgia e auxiliar os médicos experientes em alguma coisa, e enfim, bater o cartão de fim do expediente – eu pago um cara para bater o ponto da entrada, não se preocupe.

Quando chego ao meu humilde trabalho, estaciono na vaga de ambulâncias, coisa que obviamente irrita todo mundo. Coloco os meus óculos escuros e dou uma volta até a fachada do hospital. Olho, sempre admirado.

Vejo três prédios de doze andares, cada. Quando eu havia acabado de nascer, o Rota da Vida possuía apenas um prédio e ele tinha dez andares. Vinte e três anos depois, era muito maior do que sua estrutura física poderia anunciar. Havia expandido e abrido filiais em outros estados brasileiros, havia feito acordos com o governo para que o terceiro prédio servisse como graduação e pós em áreas da saúde, além do capital que era investido no mercado farmacêutico.

E tudo aquilo era do meu pai. E por consequência, meu.

Entro pela porta da frente para que quem queira ver, veja, e caminho até a recepção.

– Doutor Carlos Eduardo – a minha secretária me chama, a mão posta em cima do peito. *Aliás, que peito!* – O Senhor Arantes está a sua procura!

– Bom dia, Aline – a cumprimento. Pouso a mão sobre sua cintura e a puxo firme para um abraço. Ela quase desmancha com aquele aperto. Isso é muito mais do que divertido, para mim. – Peça para ele continuar procurando. Na dúvida, estou no subsolo abrindo cadáveres! – digo e sigo para o elevador.

Aline corre atrás de mim, afoita, uma papelada em mãos.

– Senhor, creio que dessa vez seja sério! – ela diz assustada.

Quando a porta do elevador se fecha e aperto para irmos ao subsolo, Aline me encara em tom de súplica. Eu entendo por detrás daqueles belos olhos azuis que ela está preocupada, pois se eu sou demitido, ela pode ser demitida. E ela não passa de uma gostosinha que eu escolhi para enrolar os meus “superiores”.

O Senhor Arantes é um dos quatro sócios do meu pai. Juntos, os cinco fundaram e expandiram o Rota da Vida. Todos os filhos de todos eles trabalham aqui, menos eu, é claro, que apenas marco presença VIP nessa balada sem whisky.

– Perdi alguma coisa hoje, Aline? – eu a pergunto.

Ela me encara estupefata. Estende a mão com a minha agenda, onde confiro as duas cirurgias onde eu era auxiliar. Uma ocorreria às seis, outra às nove. Deveria estar ao final agora.

– Senhor, e se eles...!

– Não vão. Já te disse, Aline, eu sou o dono dessa porra toda, ninguém vai me tirar daqui! – eu disse sem alterar o meu tom de voz. Eu sempre falava num tom baixo, porém audível, e dava ênfase nas palavras, com extrema calma.

Aline cruzou os braços. Bateu o sapato caro no chão do elevador, que logo se abriu, dando passagem para sete corredores extremamente claros. As paredes, o teto, o chão, tudo era revestido de lajota branca e as luzes eram fortes.

Saí do elevador e virei a esquerda, depois a direita. A cirurgia das nove ocorreria na sala 767, que ficava exatamente ali. Virei mais alguns corredores apressadamente e tirei os óculos escuros quando adentrei a antessala para me aprontar para entrar em cena.

Não havia mais ninguém na sala.

A técnica de enfermagem que estava ali colocando a sala em ordem, encarou-me, assustada, como se estivesse em um estado extremamente concentrado e quase soltou um grito, tamanha rapidez e força adentrei no cômodo.

– A cirurgia já acabou... senhor... *Doutor*... Carlos Eduardo – ela avisou.

Quando ela me chamou de “*senhor*”, arqueei a sobrancelha grossa, lembrando-a que eu preferia ser tratado como “*Doutor*” ali dentro. Ela corrigiu imediatamente. Trocamos olhares de acasalamento e depois dei meia volta, para encarar uma Aline ainda mais aflita. Por detrás daqueles óculos quadrados de nerd, ela parecia desesperada, como se fosse privilegiada de uma informação que eu não tinha.

– Desembucha, Aline – ordenei, após mandar uma piscadela para a técnica de prazer ou alguma coisa assim e voltei para os corredores, para chegar ao prédio três no subterrâneo.

– Senhor... eles...

– Eles... quem?

– O Senhor Arantes pediu-me para dar-lhe uma mensagem.

– Pois não? – pedi. Eu andava em passos largos, e por isso, Aline precisava correr atrás de mim.

– Ele pediu para avisá-lo que, caso o senhor não comparecesse aos seus trabalhos hoje, o senhor seria destituído de seu cargo.

Parei por um segundo. Nem mesmo o ar-condicionado era capaz de impedir-me de transpirar. Desfrouxei a gravata e abri o primeiro botão da camisa, imediatamente alonguei o pescoço e a encarei, extremamente sério.

– Destituído?

– Sim. Destituído significa ser “afastado” do cargo – ela me informou, solícita.

Eu abri um sorriso de canto de boca e fechei os olhos para me acalmar. Respirei fundo e reabri os olhos e me aproximei dela. Dei um passo a mais. Outro. Pé após pé, até prendê-la contra a parede e fazê-la sentir o peso do meu corpo quando eu queria esmagar algo.

– Eu sei o que é ser destituído – eu a disse, calmamente, dizendo palavra por palavra com um bom espaçamento. – E como eu já lhe disse, *eu sou o dono dessa espelunca* – e finalizei aquela informação com um sorriso. Joguei a minha respiração pesada contra o rosto delicado dela. – Você foi contratada por ser inteligente... e gostosa... mas não me tire por burro, Aline. Não irei aceitar isso, não de alguém como você.

Ela balançou a cabeça freneticamente, mostrando que havia compreendido. Fiz questão de levantar-lhe o queixo, para que continuasse a olhar para mim.

– Obrigado por se preocupar comigo e por me ouvir. Você é extremamente competente, além de ser um colírio para os meus olhos. E, portanto, caso você seja mandada embora, eu irei arranjar outro emprego para você nesse hospital. Estamos entendidos?

Ela fez que sim. Bastante aliviada, por sinal.

– Ótimo – eu disse e me afastei do corpo dela, cuidadosamente. Dando-lhe o prazer de ver pela primeira vez na vida o predador afastar-se da presa, sem tê-la comido. – Agora pegue a sua agenda e anote aí: gostei do trabalho que você escreveu para mim, tirei 9. Da próxima espero tirar 10, certo?

Ela fez que sim, mostrando que havia entendido.

– Excelente. E sobre o primeiro capítulo da minha monografia, eu reli ele ontem e cheguei a conclusão que precisamos de algo poético e científico ao mesmo tempo. Quero que você leia Bauman, primeiro o “*Modernidade Líquida*”, para compreender aonde eu quero chegar. E depois leia “*Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*”, ok? Depois disso vamos discutir como a medicina moderna tem colocado novos paradigmas nas relações interpessoais – eu a avisei, deixei-a escrever e voltei a caminhar para o meu destino no prédio três.

Aline terminou de escrever às pressas e correu atrás de mim. Provavelmente com alguma outra notícia ruim.

– Aline, não me segue não, que hoje eu tô perdido! – gritei e sumi por um corredor.

Parte Três – Vânia

Quem aquela cigana achava que era para rejeitar o meu dinheiro?

Fiquei consternada por dois dias repassando em minha mente as palavras daquela mulher. Ia para o trabalho frustrada, voltava para casa aflita, fugindo dos olhares dos vizinhos e dos transeuntes, totalmente perdida em mim mesma. Por que ela não podia prestar aquele simples serviço e trazer George de volta?

A minha mente repetia a cada trinta minutos que a única solução viável para a minha situação seria o retorno dele, pois assim, toda a situação seria resolvida e enfim eu conseguiria acalmar a situação. As fofocas cessariam, eu manteria a minha família unida e tudo seria restaurado, menos a minha felicidade, e eu sabia muito bem disso. Mas eu estava disposta a sacrificá-la pelo bem da minha imagem.

Por que a vida tinha de ser tão complicada? Por que o meu desejo não me levava ao caminho certo? Onde eu estava errando?

Quando nos formamos como enfermeiros, aprendemos que qualquer mínimo erro coloca a vida de um paciente em risco. É preciso numa triagem compreender o que ocorreu com o paciente para que ele chegasse ao estado doente; segundos fazem toda a diferença quando é preciso salvar a vida de alguém que está desacordado; a coragem e sangue frio precisam vir como prioridade se quisermos ajudar as pessoas. Aprendemos a servir, a sermos úteis, a afastar qualquer caos da sociedade que esteja ao nosso alcance.

Mas porque não consigo restaurar a ordem dentro de mim? Por que não sublimo o caos que tomou conta dos meus dias?

Trabalho para o Hospital Rota da Vida. Asseguro que não ocorram acidentes, salvo pessoas feridas quando é necessário e os encaminho para o atendimento. Comecei nessa empresa como mera ajudante das ambulâncias, correndo pela cidade para salvar feridos e leva-los ao pronto socorro. Hoje eu sou a chefe da equipe de socorristas do hospital e o meu trabalho é fazer a logística das ambulâncias pela cidade, cuidar para que todos os pacientes cheguem intactos e dar o exemplo a ser seguido.

Comecei por baixo. Bem por baixo. Há vinte anos eu não era nada e ninguém, apenas um nome na folha de pagamento. Hoje eu sou uma referência. Os médicos sabem o meu nome. Eles sabem a quem reclamar se uma fratura exposta fica pior pelo deslocamento do acidente até o hospital. E eles sabem que chefiar o corpo de socorristas com maestria.

Não vou mentir que o medo percorreu a minha espinha ao cogitar que o meu nome profissional seria manchado pelo desgaste da vida pessoal. Infelizmente, nós mulheres somos vítimas disso. Agora a maioria deles olham para mim como se eu estivesse desequilibrada e não fosse forte o suficiente para manter a cabeça no lugar.

– Vânia, você deve estar se perguntando por que eu a chamei aqui – o diretor geral do hospital disse-me. – Você sabe que sou um homem atento e fico a par de todos os assuntos referentes ao

hospital. E chegou aos meus ouvidos a sua situação, então me debrucei para pensar seriamente a respeito do seu caso.

Eu me arrepiava cada vez mais a cada palavra do meu chefe. Tentei fingir que nada estava acontecendo, mas ele não deu espaço para dúvidas.

– Uma ambulância recebeu o comando errado e quase não chegou ao local do acidente, pois foi parar do outro lado da cidade. Você discutiu com um enfermeiro do pronto socorro a respeito dos procedimentos de urgência... até ignorou encontrar-se comigo para conversarmos, há algumas semanas...

Sim.

Eu estava fodida.

E não era no bom sentido.

– Creio que não terei outra solução além de afastá-la da chefia do corpo de socorristas ou adiantar as suas férias.

– Eu sinto muito senhor! – tentei ser firme, mas por dentro eu estava desesperada. E se eu perdesse o meu emprego? Como eu sobreviveria e criaria duas crianças sem dinheiro?

Encaramo-nos.

Eu vi um homem grisalho, que um dia teve cabelos acobreados. Sem saber como continuar aquela conversa, ele entreabriu os lábios finos e cansados, bateu a ponta da caneta na agenda abarrotada de compromissos e voltou a encarar-me com um sorriso terno. Éramos amigos. Ele mesmo colocara a mão no fogo por mim quando Edgar se aposentou e fui eleita para o lugar dele. E ser uma decepção era a última coisa que eu queria.

– Garanto que nada disso irá se repetir. Por favor, não me afaste nesse momento, vai ser ainda mais difícil sem o meu trabalho.

O senhor Arantes pensou por um minuto inteiro. Precisou avaliar-me para tomar a sua decisão. Compenetrado, ele viu uma mulher de 1,75 muito bem preservada pelos exercícios físicos e boa alimentação, mas o rosto cansado e tristonho. Os meus olhos azuis estavam escondidos atrás de olheiras, a minha pele branca era beijada pelo sopro gélido do ar-condicionado. Os cabelos loiros estavam amarrados em um coque e a minha postura era ereta, séria, compenetrada.

O olhar ficava vago uma vez ou outra, mas ele chegou a uma compreensão final.

– Você sabe o carinho e confiança que tenho por você – ele disse, com seus olhos severos. – Mas sou um homem de negócios. E alguns funcionários têm notado o seu desgaste emocional e *desequilíbrio*, se me permite dizer. O Rota da Vida não pode passar essa imagem. Se precisa de um tempo, tome as férias, nada será descontado do seu salário, o que me importa é que você fique bem.

– Eu estou bem, senhor – eu disse com firmeza. – Eu insisto em permanecer aqui, o meu trabalho me mantém bem, ocupada, feliz.

O senhor Arantes não poderia negar a única felicidade de uma mulher que trabalhou vinte anos e conquistou espaço na empresa. Pelo menos ele, dentre todos os homens, era sensato.

– Vânia, nós *precisamos* de você – ele chamou a minha atenção e fez-me sentir emocionada.

O homem sorriu aliviado, pude ver naquela sutil expressão que afastar-me seria um grande prejuízo financeiro, além de que, eu não havia quebrado o nosso laço de confiança.

Aquilo aliviou a minha alma. Era por isso que eu amava aquele trabalho e entregava cem por cento de mim. Eles precisavam não apenas das minhas habilidades indiscutíveis, já que eu era exímia no que fazia. Mas também precisavam da minha figura, da minha liderança, do meu controle. Eu me sentia uma célula viva dentro daquele lugar.

– Obrigada, senhor.

– Eu que a agradeço e me coloco a disposição para ajudá-la. Você faz parte da família Rota da Vida e eu tenho prazer de tê-la aqui.

– Obrigada, senhor – repeti, simples e clara.

–... E para ajuda-la... – ele roubou a minha atenção uma vez mais. – Estou encaminhando uma nova pessoa para o seu departamento. Ele a acompanhará e ficará a sua disposição, para que não haja desgaste físico ou emocional. Tome como trabalho instruí-lo e direcioná-lo para que menos peso recaia sobre suas costas.

Aquilo significava de alguma forma que lentamente eu seria substituída?

Quem era “ele”?

Tentei protestar sobre isso, mas o senhor Arantes não me permitiu esse espaço. Levantou-se e eu tive de acompanhá-lo. Caminhamos até a porta em silêncio e eu ainda me virei para dizer-lhe algo, mas quando dei por mim, a porta estava fechada.

Quando estava prestes a seguir o meu caminho, esbarrei em uma coluna. Uma coluna móvel. Que vinha em minha direção, completamente distraído, junto com uma moça ao lado.

Pisei firme no chão com as botas que calçava e o segurei pelo peitoral, parando-o imediatamente. Aquele homem tinha quase dois metros de altura, mas ele precisaria ter quatro para impedir-me de segurá-lo. Eu poderia ser frágil por dentro, não por fora.

A coluna tinha um rosto. Um rosto com belas expressões nórdicas. As sobrancelhas retas, grossas e que aparentavam muita seriedade. Os olhos castanhos escuros contrastavam com a pele tão clara, o cabelo preto possuía um topete jogado de lado e os pelos desciam em uma densa barba que cobria seu rosto. Ele ajeitou o terno preto caro por debaixo do jaleco e deu um passo para trás, olhando-me dos pés a cabeça, assustado.

– Desculpe-me, não foi a minha intenção machucá-la.

– Não machucou – respondi imediatamente.

Se não fosse pelos trajes, eu teria detido aquele homem de entrar às pressas na sala do senhor

Arantes. Ele vinha com tanta fúria e força que imaginei que derrubaria a porta.

– Se me dá licença – ele disse e passou por mim, junto com a secretária.

Ela deu leves batidinhas na porta e o anunciou:

– Senhor Arantes, o doutor Carlos Eduardo está aqui para vê-lo.

– Mande-o entrar – foi a resposta do homem.

Não sei por que fiquei imóvel olhando para o vazio, pensando no rosto daquele homem – no corpo eu não precisava pensar; o meu próprio corpo ainda sentia o impacto da força com que ele veio e não mediu esforços para quase me derrubar. Suspirei, coloquei o boné que usava para o meu serviço e segui o meu dia.

Parte Quatro – Carlos Eduardo

Tudo se trata de escolher a melhor opção e obter a melhor vantagem.

Bauman foi um gênio porque examinou o mundo em que vivemos sem relances românticos. Foi visceral, invadiu as estruturas da sociedade e das pessoas e as leu como se estivesse vivissecando cadáveres vivos.

A modernidade líquida se trata sobre a fragilidade do mundo em que vivemos na contemporaneidade. Tudo é frágil: a identidade, a fortuna, o conhecimento, os falsos poderes que nos revestimos... e, é claro, a nossa infindável busca em tentar fugir de quaisquer danos que nos podem ser causados, nesses casos, dissolvemos parte de quem nós somos e nos reconstituímos em um novo formato para assumir uma conexão.

Complexo, não? Então, permita-me simplificar.

Uma balada ficou sem a minha presença essa noite. Deitei a cabeça no travesseiro às nove, mas só dormi às onze. Passei duas horas relendo as teorias de Bauman, por que lê-lo me dava uma sensação de segurança. Entender o esqueleto da sociedade nos capacita a sobressair sobre aqueles que apenas sobrevivem nos dilemas sociais, e dentre as coisas que herdei de meus pais, além da fortuna, veio o gosto pela leitura. Principalmente de sociólogos que criticam a fortuna. Por que assim, entendemos os buracos que ela possui, dissolvemos os defeitos e os refazemos para se tornarem qualidades.

Você não fica admirado pelo capitalismo nunca ter caído?

A crise de 1929 e 2008 são provas disso. O mundo dissolve a si mesmo e se reconstrói mais forte, mais ágil, mais voraz.

E esse é o segredo sobre chegar onde o meu pai chegou: não se trata de quantas vezes você passa por crises e cai, mas o quanto você resiste para se tornar forte.

Acordei às cinco, nada disposto, mas acordei. Passei a minha própria roupa, praguejando o fato de Sônia só chegar às sete. Tive de pegar as frutas na geladeira, lavá-las e cortá-las, praguejando o fato de Marta só chegar às seis. E uma vez que estava pronto às 5:30, desci direto para o hospital.

Acompanhei um procedimento cirúrgico e três horas depois uma mulher que queria aumentar o silicone. Eu não era o médico que efetuava a cirurgia, mas suava e vibrava tanto quanto. Eu auxiliava com as ferramentas cirúrgicas e cuidava junto ao anestesista que os pacientes permanecessem vivos e sem dor.

Quando terminei aquela manhã de trabalho às 10:45, fui informado num telefonema à recepção de que o senhor Arantes já se encontrava em seu escritório. O meu pai não queria conversar comigo sobre o assunto, tampouco os outros sócios, então não tive outra solução além de me encontrar com aquele homem.

Assim que recebia mensagem de Aline sobre a presença do senhor Arantes em sua sala, ao que

parecia, ele estava ocupado com uma diretora qualquer de um departamento qualquer do hospital, me dirigi ao elevador do prédio um até o andar sete. Quando cheguei lá, apressei o passo em busca da sala daquele homem. Praticamente chutei o ar enquanto voava pelo longo escritório, até ser orientado pela secretária dele de que um dos homens mais poderosos da empresa estava em reunião. Eu não ligava.

Na mesma intensidade que fui, fui bloqueado e parado por uma mulher extremamente forte.

Estava tão cego e com os olhos fervendo, pronto para derrubar aquela porta de mogno com um chute, que mal pude acreditar quando senti mãos extremamente delicadas me impedirem a passagem. Não acreditei.

Encarei-a no fundo dos olhos azuis e antes de reclamar, preparei um sorriso de canto de boca. Ela devolveu o olhar com extrema seriedade e aquela atitude de Gandalf no senhor dos Anéis: “você não vai passar”. Lambi os meus próprios lábios e olhei para baixo, examinando-a e quando estava pronto para dirigir-lhe a palavra, a secretária chamou o meu nome.

Ergui o rosto e esqueci aqueles belos olhos azuis. Esquivei-me e fui anunciado, entrei no segundo seguinte.

O Armando Arantes foi colega do meu pai na universidade. 15% do hospital e das filiais estavam conectados ao seu capital financeiro. E diferente do meu pai, que vivia viajando, dando aulas no exterior, divulgando o nome do Rota da Vida e prestando consultoria para outros grandes hospitais, o senhor Arantes vivia enclausurado dentro do Rota da Vida dia e noite, trabalhando sem parar e tentando manter tudo em ordem. Eu o admirava por isso.

Apenas por isso.

– O senhor mandou me chamar? – perguntei, o olhar sério e compenetrado.

O senhor Arantes desabotoou o paletó e examinou a minha postura, como se eu fosse apenas um moleque para ele. Um olhar de desdém e desinteresse.

– Você sabe que sim, senhor Dourado. Por favor, sente-se.

Nos sentamos ao mesmo tempo. Cruzamos as pernas ao mesmo tempo. Pousamos as mãos em nosso colo juntos.

Eu havia passado muito tempo estudando homens poderosos e como se comportam, que eu já era capaz de lhes imitar os gestos. E se o senhor Arantes achava que podia me intimidar com movimentos corporais, definitivamente não conseguiria.

– Você é arrogante, egocêntrico e mimado. Não estaria aqui se não fosse pelo seu pai – ele cuspiu as palavras severamente.

– Gostaria de lembrar-lhe que o senhor também não estaria aqui se não fosse pelo meu pai – o respondi. Encarei o relógio e conferi a hora. – O senhor tem cinco minutos – lhe informei.

O senhor Arantes arqueou a sobrancelha, exaltado. Engoliu em seco ao degustar as minhas palavras e guardou a minha insolência. Puxou um lenço para limpar a testa careca e examinar as

nossas diferenças. Eu poderia ser adorado por aquele homem, mas eu não fazia questão. Ele era Caxias demais e eu não precisava impressioná-lo em nada. Armando sabia que eu era bom o suficiente, mas bastante insolente.

E um homem poderoso teme outro homem poderoso. Principalmente quando se tem 60 anos e o outro 23.

Mas eu era muito mais alto que Arantes. Muito mais habilidoso. E dez mil vezes mais rico. Além de não participar dos esquemas de corrupção dele com o governo.

– Quatro minutos, senhor. Estou em um dia atarefado – o informei gentilmente.

O senhor Arantes engoliu em seco.

Peitaria o filho do homem mais importante da empresa? Que se sentava na cadeira principal? Ousaria me ameaçar, logo eu que um dia assumiria o controle daquele hospital?

Armando respirou fundo. Puxou o papel que certamente continha a minha demissão e o guardou na gaveta que precisava de uma chave para trancar. Puxou de lá uma pasta preta e colocou-a na mesa.

O que um leão faz quando encontra outro leão?

Ruge mais alto.

Por que na selva, alguém devora alguém. E a melhor opção é convencer o oponente a não entrar na batalha.

Respirei aliviado. Por fora continuei um colosso de esparta.

Por dentro eu estava desesperado, tenso, sentia meu coração vibrar a ponto de tremer e sair do lugar. Mas por fora eu permanecia o que os outros podiam ver da minha imagem: alto, ombros largos, braços fortes.

O que me impediria de levantar e quebrar os dentes daquele velho?

O bom senso.

Mas ele não precisava saber disso.

– O conselho e eu meditamos sobre a sua situação...

– Ótimo, preciso de um carro novo – falei, com o meu sorriso irônico pregado no rosto. – *É brincadeira...* – eu disse, ao perceber que Armando ficou roxo ao ouvir aquilo. Eu não iria abusar de minha conquista e da minha boa sorte naquela manhã.

– O senhor não tem comparecido ao trabalho. Pede para que terceiros batam o seu cartão. Foi o senhor que escolheu estagiar no departamento cirúrgico, mas ao invés de participar das reuniões e afazeres, fica perambulando pelos corredores. O senhor só desfila com esse jaleco e não faz mais nada. E no fim do mês, ganha muito mais do que os bolsistas que fazem residência e trabalham incansavelmente. Perdoe-me dizer, senhor Dourado, mas o senhor é um moleque!

E ele era um velho. Mas eu preferia não partir para o óbvio.

– Entendo – balancei a cabeça.

Armando examinou a minha postura. Exasperado, teve de recobrar o ar para ficar na cor normal e deixar de lado o vermelho pimentão que não era tendência para o verão, ainda mais dentro do hospital.

– Não irei mentir que votei pela sua demissão...

Eu sabia. Velho cretino nojento babaca.

– Mas os outros sócios preferem mantê-lo no hospital. Inclusive o seu pai. Mas eu obtive uma vitória nisso tudo: se o senhor desejar permanecer neste estabelecimento, será relocado para o departamento dos socorristas.

– Quê? – perguntei.

– O senhor sabe o que um socorrista faz?

– Socorre as pessoas – falei de modo simples, tão óbvio quanto ele.

Armando balançou a cabeça.

– Aqui está o seu novo contrato, toda a papelada que precisa ler e os seus novos horários de trabalho. Espero não passar mais dores de cabeça a respeito deste assunto, senhor Dourado.

Abri um sorriso gentil e amigável, ou melhor, forcei.

Aquilo foi um tapa dado em minha cara, foi inesperado.

Eu não sabia se ser relocado era melhor ou pior do que ser demitido. Pois na ala cirúrgica eu trabalhava com algum conforto. Mas no departamento dos socorristas? Eu iria perder peso de tanto correr de um lado para o outro.

– Você deseja me humilhar um pouco mais e me fazer trabalhar dentro da ambulância? – perguntei.

– Não é má ideia – o homem respondeu. – Mas deixo isso ao encargo da sua nova chefe. O nome dela é Vânia e agora você responde tudo a ela. Só volte à minha sala para que eu assine a sua demissão. *Boa sorte.*

Parte Cinco – Vânia

– Eu estava a sua espera! – a cigana disse alegre. Convidou-me para entrar e eu assim o fiz.

Eu a segui até a sua sala de atendimentos e sentei-me diante dela. Sequer troquei a roupa do meu trabalho, fui com a cara e coragem para ser identificada como funcionária do Rota da Vida. Quando me sentei, vi aqueles olhos maternos me encararem mais uma vez, examinando a minha expressão cautelosamente.

– E então? – a cigana perguntou. – Encontrou o seu homem poderoso, moça?

– Não – respondi assustada, até ri da ideia. – Foi difícil chegar a essa conclusão, mas você estava certa. Eu preciso de algum empoderamento, por que até do trabalho querem me afastar agora. Eles acham que não sou forte o suficiente... Toda essa situação com George me deixou emocionalmente frustrada e isso foi mais longe do que eu podia esperar.

A cigana sorriu. Pelos seus olhos brilhantes eu compreendi que havia tomado a escolha certa. Ela esticou as mãos para a mesa, puxou o baralho e passou a dedilhá-lo delicadamente, bem diante de mim.

– Você sabe o que significa se empoderar? – a cigana perguntou.

Bom, eu sabia o que era isso vulgarmente falando. Mas pedi que ela fosse específica.

– O país vive uma crise, correto? – ela me perguntou. – Mas você concorda comigo que, em meio a essa crise, desemprego e dificuldade financeira, alguém está lucrando? Em algum lugar?

Balancei a cabeça positivamente.

– Você se sente fraca, deprimida, abandonada... mas você compreende que em algum lugar, existe uma mulher forte, feliz e muito bem acompanhada?

Refleti por alguns segundos e concordei.

– O que separa a pessoa que é vítima da crise e aquela que sobressai sobre ela? O que separa você dessa mulher poderosa?

O corpo? O trabalho? As oportunidades?

– A mente – a cigana me respondeu. – O universo existe *primeiro* dentro da nossa mente para depois existir fora de nós. E quando o universo fora de nós é cruel, absorto e nos machuca, ao invés de absorvermos tudo isso, precisamos reprogramar a nossa mente. Dizer a ela que o universo é próspero, gentil, que ainda há uma nova montanha para escalar.

A cigana permitiu que eu refletisse naquilo tudo, o baralho ainda se remexia em sua mão, carta por carta.

– Nós mudamos o universo quando nos mudamos. Nada muda se continuamos a usar a mesma cor de roupa, se tomamos o mesmo caminho para o trabalho, se insistimos em enrijecer as grades da prisão que a nossa mente cria e recria a cada dia. Um pássaro livre fica triste ao encontrar uma

gaiola. Mas e um pássaro que nasceu em uma gaiola? Ele fica triste por viver nela? E quando o pássaro se revolta, cansa de receber comida e água na hora que o seu dono quer e assume que ele mesmo pode obter isso?

– O que isso quer dizer? – perguntei.

– Não é possível voltar atrás, Vânia. Quando você perceber que é como um pássaro e libertar-se dessa gaiola, será impossível voltar atrás.

Refleti por um milésimo de segundo. Eu precisava aceitar que não podia ter George de volta, e se tivesse, eu seria completamente infeliz. Mas eu precisava manter tudo em ordem e para isso, eu precisava desse poder misterioso que a cigana tanto falava.

– Puxe cinco cartas.

Puxei. A Cigana indicou que eu as virasse e pousasse na mesa.

O Oito de Copas. A morte. O Rei de Paus. O Carro. O Dez de Copas.

– Vou morrer a pauladas ou ser atropelada e vão celebrar? – perguntei, tentando quebrar o silêncio.

– Não – a cigana riu, junto comigo.

O oito de copas era representado por uma mulher vestida de branco descendo para dentro da terra, cabisbaixa. A morte era um grande esqueleto montado em um cavalo negro, em sua mão, empunhava uma foice e várias pessoas se ajoelhavam diante dela. O rei de paus era um homem de cabelos acobreados, um pau pegando fogo em sua mão, estava sentado sob um trono e um leão estava sob os seus pés. O carro trazia a imagem de um homem dentro de uma biga, sendo guiado por dois cavalos. O dez de copas trazia a mesma moça representada no oito de copas, só que dessa vez, junto a um homem de rosto dourado, juntos seguravam uma única taça e bebiam dela, rodeados de outras dez taças.

– O seu momento de depressão pode chegar ao fim imediatamente. Para isso, Vânia, você precisa morrer. Mas não é uma morte física, e sim, uma morte simbólica. Você precisa dizer adeus agora para as ilusões do seu passado. Apenas agradeça tudo o que ocorreu: o encontro com George, os filhos, e por fim, o desencontro. Agradeça, fique feliz porque ocorreu algo e siga. Você terá ajuda para esquecê-lo. O rei de paus é um homem de características fortes, um homem marcante, que abre qualquer caminho e que é muito cabeça dura. O carro indica que você sabe muito bem qual caminho deve seguir, mas nega a si mesma, por que tem medo do desconhecido. Mas ao jogar-se de cabeça no novo, encontrará o dez de copas, a plena felicidade e satisfação.

– Então eu devo morrer? – perguntei.

– O que é a morte? A morte é o momento onde um ciclo foi encerrado e precisamos aceitar. Chorar sobre a pessoa não a trará de volta. Dessa forma, a morte é um símbolo. Não foi George que lhe causou dor, desesperança, tristeza. Foi você. E somente você pode reverter isso! Você poderia ter pulado fora desse casamento quando teve a chance, mas preferiu o comodismo. E olha o preço que pagou!

Tive de concordar. A contragosto, mas tive.

– Aí dentro existe uma Vânia que precisa morrer. Assim como aí dentro existe uma Vânia que quer viver!

– Sim – respondi com simplicidade.

Relaxe os ombros e fitei o meu colo, a aliança que ainda teimava em estar em meu dedo. Aquilo era o maior símbolo de que eu tinha esperanças de que George retornaria.

Mas por quê? Para quê? Para sofrer? Para ser infeliz? Para viver mais vinte anos de comodismo, onde eu não era satisfeita e precisava suportar suas cachorradas?

– Eu não voltarei atrás. Eu preciso seguir esse caminho. Faça o que for necessário para me trazer de volta a vida.

A cigana olhou-me, emocionada. Talvez se eu estivesse dentro da mente dela, ficaria estupefata, pois seu olhar brilhante acalmou o meu coração. Ela se levantou, puxou as minhas mãos e fez com que eu me levantasse.

– Uma Vânia precisa morrer. A Vânia que vive numa prisão mental que se sente fraca, objeto, usada, e que sente falta do seu algoz. Ele não é mais nada. Ele não significa mais nada. Ele sequer tem nome, criança. E no lugar dessa Vânia, outra maior, corajosa, poderosa, deslumbrante irá renascer. Uma Vânia que será desejada, respeitada, consultada, agraciada e redescobrirá quem ela é.

Foi a minha vez de segurar firme nas mãos dela e olhá-la do fundo dos meus olhos. Ao ouvir as palavras da cigana, eu pude me ver em sua íris. Eu era jovem. Bela. Desejada. O homem que me enlaçava em seus braços tinha um borrão no rosto e eu não podia vê-lo, mas ainda assim, ele era real. Quando saí daquele estado de transe, ela sorriu e encarou-me.

– Você sentiu?

– Eu senti... – eu disse, um tanto assustada e surpresa, mas ainda assim, esperançosa.

– O destino de todos nós é ser feliz, criança. Basta escolher o caminho correto. E você o escolheu. Venha comigo.

Eu não sabia qual era esse caminho correto. Mas ele dava acesso ao corredor e chegava ao banheiro dela. Quando a porta se abriu encontrei um cômodo coberto por lajotas brancas, extremamente limpo e uma banheira que a cigana fez questão de encher de água.

– Tome um banho comum. Depois tome um banho de sal grosso para desobstruir todas as energias remanescentes e dê adeus para a sua vida. E renasça nas águas puras para viver bem.

– O que faremos depois? – perguntei.

– Iremos moldar a nova Vânia – ela disse. – Mas antes de fazermos isso, tome o seu banho.

A mulher de saia e véu saiu, dando-me privacidade. Aquilo foi extremamente estranho e incômodo de início. Tomar banho na casa de uma completa desconhecida não era uma coisa habitual para

mim. Ainda assim, retirei as minhas roupas do trabalho e deixei-as em um canto e tomei um banho higiênico demorado, senti que precisava de muito mais do que dez minutos para meditar sobre os últimos tempos, até o instante em que quase fui afastada do meu posto.

Aproveitei a oportunidade de estar em uma banheira novamente, a última vez havia sido em um motel, quando os egípcios ainda erigiam as pirâmides.

Quando terminei o banho com sabonete, chamei a cigana e ela me entregou uma toalha para que eu me cobrisse. Ela esvaziou a banheira e trouxe um balde d'água morno e jogou um punhado de sal, ao dizer: *Eu purifico o meu corpo para que possa purificar a minha alma. Eu abro mão dos meus bloqueios para aceitar as minhas vitórias* e ao terminar isso, pediu que eu repetisse as mesmas palavras e jogasse um punhado de sal grosso também.

– Agora jogue esse líquido do pescoço para baixo. Enquanto isso, pense em tudo o que te faz triste e lhe faz sentir fragilizada. E então, jogue essa água sagrada e purifique o seu corpo das más lembranças, dos péssimos sentimentos e das prisões que você mesma criou. Dê poder à água e ela terá força o suficiente para arrancar de si toda essa ferrugem.

A cigana me permitiu ter privacidade. Peguei a vasilha e a enchi de água e fiz o líquido descer pela minha pele, do pescoço para baixo.

Concentrei-me em minhas decepções e amarguras. E enquanto a água escorria pelo meu corpo, um alívio, advindo sabe-se Deus lá de onde, me atingiu.

Fui tomada por uma sensação de paz, calma, segurança, cada vez que eu retomava a trazer a vasilha e derramá-la em meu corpo. Lavei os meus seios, os meus ombros, braços e mãos. Lavei o meu abdômen, as coxas e os pés. E quando dei por mim, a água já havia acabado. E a sensação de que eu havia rejuvenescido dez anos veio acompanhado.

Senti-me leve. Tranquila. Disposta a encarar qualquer situação.

Quando abri a porta, a cigana me esperava no fim do corredor. Ela me pediu para retornar à sala inicial e meditar em tudo aquilo que eu estava sentindo, para por fim, começarmos o meu momento de poder.

A raiva havia sumido.

Na verdade, eu estava envergonhada de mim mesma por bater na porta de uma mulher desconhecida e pedir que o meu ex-marido que sequer dava conta do recado, retornasse. Fiquei cerca de trinta minutos encarando toda a minha situação. Contemplando o vazio que George havia deixado. Ao fim dos trinta minutos o vazio continuava lá, mas não doía e eu não sentia o desespero de preenche-lo. Era como ter tomado anestesia na mente.

– Como se sente? – a cigana perguntou-me, sentou diante de mim e cruzou as pernas em posição de meditação.

– Estou tão leve que isso parece um sonho... – respondi, bocejei ao fim.

– Excelente. Você estava muito carregada. E você sabe como dizem: é impossível encher o bolso de balas se não esvaziar todos os papéis usados que ali estão – a mulher examinou o meu rosto e sorriu. – Do que você sente falta na Vânia?

– Sinto falta de ser jovem.

– Você não é velha – a cigana contrapôs. – Você sente falta de como se sentia quando era mais jovem. E tudo o que precisa fazer é alcançar esse sentimento e trazê-lo a tona – após alguns segundos de silêncio, ela me perguntou – Como era?

Eu sorri.

– Era cheia de sonhos. Esperançosa, levava a vida como se tudo fosse leve e o mundo fosse cheio de oportunidades – eu disse, nostálgica, como se isso estivesse muito distante.

– E o mundo não é assim? – ela perguntou.

Balancei com a cabeça negativamente. Mas não senti-me mal. Apenas uma saudade imensa de descobrir a vida, conhecer George e ser tratada tão bem que eu podia jurar que viveria para sempre ao seu lado. Havia, é claro, o sofrimento de uma Vânia que era desvalorizada no trabalho, tratada como uma completa ignorante que apenas estava começando na vida profissional. E ao mesmo tempo, o sangue nos olhos de uma mulher que se tornaria extremamente importante e reconhecida pelo próprio diretor de sua empresa.

– Onde eu me perdi? – eu a perguntei.

A cigana mexeu em seus anéis e braceletes dourados. Encarou-me com doçura, olhando-me como se fôssemos iguais e eu não fosse uma completa doida que queria o marido inútil de volta.

– Temos muitos caminhos a percorrer, criança. Mas por vezes a estrada acaba e só há um precipício ao seu fim. A vida nos dá indícios e pede que troquemos o caminho, busquemos uma nova rota, lutemos para que a nossa vida entre nos eixos que queremos. Mas às vezes nos contentamos com pouco... ignoramos a nossa vontade para viver de aparências... Esquecemos de nossas próprias necessidades para servir quem não demonstra gratidão.

– E o que fazemos, quando isso acontece? – perguntei, o sabor da aflição amargo na boca.

– Renascemos. Queimamos quem nós somos até virarmos cinzas. E das cinzas reerguemos uma nova fênix.

Encerrado aquele momento no banheiro, retornei para a sala de atendimentos.

Tive de deitar completamente nua em um lençol branco no chão, enquanto a mulher buscava dentro da cozinha os ingredientes finais daquele trabalho.

– Deus, o nosso criador, criou o homem do barro e soprou nele vida... – a cigana disse.

Ela apresentou diante dos meus olhos a argila que havia buscado na cozinha. Preparou-a com água e mel e cantarolou alguma música muito alegre, que a fazia sorrir. Ela me avisou que começaríamos o processo e eu aguardei.

Levei um susto ao sentir aquele líquido gelado entre os dedos dos meus pés, subindo pela perna. Ela segurou a minha panturrilha com firmeza e não teve medo em sujar o seu vestido tão bonito. Cobriu as minhas duas pernas com argila e continuou a dizer-me o que fazia.

– Nós somos co-criadores junto ao nosso criador. Nós criamos a realidade, geramos a realidade, tornamo-la aquilo que queremos sem prejudicar ninguém. Todos nós temos o direito de recomeçar. De nos empoderar. De sentirmos que somos parte da terra, porque dela fomos formados.

Senti a massa gelada chegar aos joelhos, coxas e entre as pernas. A cigana seguiu assim todo o caminho até cobrir-me completamente até o rosto de argila. Fiquei assustada de início, pois imaginei que a argila seria posta apenas em meu rosto. Ledo engano. Pelo visto eu seria completamente coberta.

Vi a minha pele ser coberta pela argila amarela com o doce cheiro de mel e preferi permanecer em completo silêncio, examinando aquele casulo ser formado ao meu redor.

– Volte para a terra, criança. A terra é a nossa mãe, ela é eletromagnética. Que ela puxe de você todos os seus problemas e tudo aquilo que lhe traz dificuldade, desamparo, desesperança. E que ela lance em devolução o brilho, o fogo, a força que você tanto busca. *Retorne para a sua vida, retorne para o seu amor, retorne para si mesma!*

Quando a cigana terminou de dizer aquelas palavras, eu estava completamente coberta. Do menor fio de cabelo até o espaço entre as unhas dos pés e a sola. Senti-me um pouco enrijecida por causa da argila e levantei-me com a ajuda da mulher.

A cigana ajudou-me a ir diante do espelho.

– Agora é a sua vez, co-criadora de seu próprio universo. O que você gostaria de dizer para a nova Vânia?

Encarei o meu reflexo no espelho. Admiro que não me senti confortável com a situação, mas me obriguei a acostumar com aquela imagem enquanto ela durasse.

– Você é forte – eu disse. – Você é bela. Você é desejada. Você busca a sua felicidade. Você atrai o sucesso. Você é deslumbrante. Você é ilimitada. Você é...

– Eu – a cigana me interrompeu. – Eu sei que você é. Mas diga para si mesma, querida.

– Eu sou forte – recomecei. – Eu sou bela. Eu sou desejada. Eu vou em busca da minha felicidade. Eu atraio o sucesso. Eu sou deslumbrante. Eu sou ilimitada. Eu sou poderosa.

– A lagarta morreu – ela anunciou. – Agora deite e descanse. Se possível durma. E quando despertar, que seja para aceitar o seu real poder e a sua nova vida.

Então eu cochilei por alguns minutos. Conforme a argila ia secando, eu me sentia dura, rígida, mal conseguia me movimentar. Parecia que a minha pele estava sendo esticada, refeita.

Quando acordei, tomei um banho para libertar-me daquela camada dura que havia se formado, senti-me dez anos mais jovem.

Reencontrei uma mulher no espelho que eu já não tinha mais contato há anos.

Ela havia aceitado a própria situação e isso a havia libertado. Seu olhar era tão sereno e radiante, qual porta ousaria fechar-se diante de si? Ela não se sentia culpada, muito pelo contrário, havia feito tudo ao seu alcance e mantivera-se firme na cama de casal vazia, que aliás, era deliciosamente melhor dormir nela agora, podia aproveitar todo o espaço. Não tinha medo. Encarava fraturas expostas, pessoas desacordadas e dirigia uma equipe de trinta pessoas, além de seus alunos. Teria medo de quê? Podia jogar-se no mar para salvar alguém que se afogava. Era forte, destemida, corajosa.

E a raiva?

Raiva sentiria George ao olhar para trás e cogitar que um dia teve essa mulher de verdade e a perdeu.

Parte Seis – Carlos Eduardo

Onde estava aquela mulher?

Eu já havia perdido a minha paciência com a Vânia sem sequer tê-la conhecido. Cheguei ao Rota da Vida às seis e me dirigi ao Departamento dos Socorristas para me apresentar, junto ao meu currículo e os papéis que o sr. Arantes havia colocado em meus domínios para entregar à minha nova chefe.

Mas a mulher não aparecia nem por reza braba - e olha que rezei.

Independente da presença dela, apresentei-me na secretaria e deixei os documentos lá. Fui encaminhado imediatamente para o Pronto Socorro. Ocupei uma pequena sala com uma mesa de madeira e uma poltrona mais ou menos confortável, uma maca e cadeira para o paciente. As paredes naquele tórrido azul bebê eram ocupadas por quadros com os avisos do hospital.

O Pronto Socorro, como todos sabem, é a parte do hospital que cuida para atender as pessoas que precisem passar por um médico em situações de emergência.

O meu dia começou ótimo.

Atendi uma mulher que espirrava sem parar.

– Mas a senhora apresentou este processo por alguma causa em específico?

– Não, doutor.

Anoto numa folha qualquer coisa, só pra fingir que estou meditando sobre o caso dela. Ela não vai compreender a minha letra mesmo, afinal, nem eu entendo...

– Houveram mudanças em sua casa recentemente?

– Não. Mas o vizinho tem feito mudanças estruturais na casa.

Arqueio a sobrancelha. *Poeira.*

– Ah, sim, é uma virose.

Logo em seguida me entra um jovem afortunado. Vinte anos, maromba, desses ratos de academia que só falta transar com os aparelhos e grita “birl” ao menor sinal de interação social.

– Doutor eu sinto minha boca e garganta seca.

– O senhor tem tomado *coisas proibidas*? – pergunto.

– Não – ele diz firme, encara-me nos olhos com total segurança.

– E o *amigão* lá embaixo? – pergunto.

– Nenhum problema – ele diz um pouco assustado.

Esse tipo de gente acha que é o médico que cria a doença. Eles acreditam que no minuto que eu escrever aquilo que ele tem no papel, já era, não há como voltar atrás.

– E quando você sente essa *secura*... *Secura*, vamos chamar assim. Quando sente?

– Principalmente antes de dormir e depois de acordar.

– Hum... – medito e me levanto. – Só um instante, irei pegar um medicamento.

Levanto-me e saio para a sala do fundo onde fica a ala de internação. Conto os meus passos até o bebedouro, puxo um copo de plástico e o encho até o topo. Depois retorno para a sala como se aquilo fosse caso de vida ou morte, encaro o paciente e coloco o copo da mesa, após fingir que havia colocado um comprimido que magicamente se dissolveu na água.

– Beba este medicamento, por favor.

Ele bebe.

O maromba estava pálido.

Lentamente volta a pegar cor. Sorri. Encara-me como se eu tivesse retirado um câncer dele.

– Obrigado, doutor! Sinto-me bem melhor! O senhor poderia me receitar esse remédio? – ele pergunta.

– É claro! – digo animado. Puxo o receituário e escrevo: **ÁGUA DE TRINTA EM TRINTA MINUTOS SEU ANIMAL**. E ainda coloco uma carinha feliz, só para descontraír. (:

Definitivamente os cidadãos não tem noção do que é o Pronto Socorro. Teoricamente deveríamos atender pessoas que estivessem em sinal de urgência: envenenamentos, temperatura do corpo elevada demais, sensações estranhas nos órgãos... mas não.

As pessoas consultam o doutor google. Chegam aqui com uma gonorreia imaginária ou um inchaço interno em algum órgão imaginário e querem um milagre. Eu não consigo ter a mínima paciência para isso, tanto que preferi me direcionar para a área da cirurgia plástica, onde eu tenho a chance de ganhar dez vezes mais do que um socorrista.

Quando está prestes a dar a hora para o almoço, confiro a lista de pacientes que ainda me aguarda e simplesmente saio pelos fundos. Ninguém ali vai morrer por possuir a perigosa doença de *nariz escorrendo*. Então vou comer.

Mantive o jaleco do corpo, afinal de contas, faz parte do Hospital Fashion Week usar a roupa de trabalho em qualquer lugar onde se pode pegar bactérias, seja o banheiro, o refeitório ou até mesmo a parte externa onde fica o lixo. Quem liga para a saúde quando se pode mostrar para as pessoas que você é médico?

Comecei a mexer no celular distraidamente enquanto colocava a minha comida. Quando estiquei a minha mão grossa para pegar a colher na bandeja de brócolis, outra mão, menor e delicada, veio junto à minha. Permiti que ela fosse primeiro, de forma cavalheiresca e sorri para a morena de olhos azuis. Tive de sorrir. É, eu sorri.

Foi aquele momento mágico onde um dia meio merda atendendo pacientes meio merdas se torna realmente interessante. Ela piscou os olhos para mim e depois desviou o olhar como se não quisesse nada, além do brócolis. Tive de umedecer os lábios.

Terminei de colocar a minha comida apressadamente e procurei-a no meio das infinitas mesas com pacientes, seus parentes, funcionários e alunos do Rota da Vida. Ela não estava em evidência nas mesas que ficavam ao centro, tampouco próximo das saídas... Tive de girar em meu sentido contrário para vê-la uma vez mais.

Embora eu saiba que o cérebro controla cada pequena ação do nosso corpo, é prazeroso quando você sorri sem perceber que o cérebro ordenou aquele comando. Aquele se torna um movimento genuíno, um mero gesto que lembra ao homem que ele não é apenas máquina, mas também homem... e *animal*.

Caminhei na direção dela, decidido de que me sentaria e comeríamos juntos. Mas quando estava prestes a chegar em sua mesa, uma outra mulher passou em minha frente e tomou a cadeira em que eu iria me sentar. Desviei o caminho no segundo seguinte e me sentei a algumas mesas de distância para não perdê-la de vista.

Eu já havia chegado cedo, cumprido meus compromissos, *qual era o problema de buscar alguma diversão?*

Quando ambas terminaram de almoçar e eu saí do transe de observá-la, vi a moça que tomara o meu lugar sair primeiro. Não perdi tempo, levantei-me e sentei na mesa da incrível mulher que pegara o brócolis junto comigo.

É claro que ela mostrou alguma surpresa em me ver sentar bem diante dela sem pedir licença.

– O meu amigo ali – aponte para um homem aleatório que estava a dez mesas de distância – pediu para perguntar se você não está a fim de ficar comigo...

Ela começou com um olhar austero, mas quando terminei a frase, a acompanhei na risada. Ela tinha lábios lindos e um sorriso extremamente agradável. Tinha aquele olhar de mulher feroz que, assim como eu, não pensa duas vezes em obter tudo aquilo que quer.

– Doutor Cadu – estendi a mão.

A bela morena analisou a minha mão. Desceu o rosto para o lado e abriu um longo sorriso.

– É assim que consta em seu RG? “Doutor Cadu”? – ela perguntou, mostrando que não estava tão impressionada.

– Carlos Eduardo – consertei. – E você é a famosa...

– Doutora Valiente – ela comentou e cruzou as pernas. Senti o salto roçar em minha perna. Entendi aquilo como um bom sinal. Um excelente, na verdade.

– Esse hospital é tão grande que é quase impossível conhecer todo mundo – falei, meus olhos fixos nos dela, ao fim da frase, virei o rosto sutilmente para olhar ao redor. – Sempre aparece alguém que excede as expectativas e me faz pensar que vale a pena trabalhar aqui.

Ela sorriu. Levou a mão direita para colocar a mecha do cabelo acobreado atrás da orelha. Eu tive vontade de fazer isso por ela, mas foi interessante vê-la fazer.

– Você trabalha em qual prédio? – ela perguntou.

– Na verdade, no prédio um. Eu trabalhava na ala cirúrgica, mas fui relocado de posição pelo excelentíssimo senhor Arantes. Agora eu trabalho na área das mal comidas.

– Perdão? – ela me perguntou, mostrando que não sabia o que aquilo queria dizer.

– Na área das socorristas – falei baixo e soltei uma risada. – Você sabe... todo mundo sabe... O único departamento que é controlado por enfermeiros. Digo, uma enfermeira. Você sabe o que dizem...

– O quê? – ela perguntou, curiosa, sem perder aquela pose de mulher fatal.

– Ah... – revirei os olhos, caçando alguma informação em meu cérebro. Não havia sido eu a criar aqueles boatos, eles corriam livremente pelo hospital. – É o departamento controlado por uma tal de Vânia. Acabou de se divorciar... está na lista para ser afastada ou demitida... não é tão competente... você sabe.

Ela concordou, mas com demora. Analisou-me da gravata que ela podia ver até o meu último fio de cabelo. Eu sorri. Por que eu sabia que ficaria bem em qualquer foto, ainda mais refletido nos olhos dela.

– E você é o incrível...? – ela perguntou.

– O incrível socorrista do departamento das mal comidas – comentei, passei a língua pelos lábios e preendi o riso.

Ela não ficou surpresa. Solto um riso de canto de boca e levantou-se.

Usava uma camisa branca social que ficava dentro de sua calça apertada. Ela tinha um incrível conjunto de pernas, um quadril espetacular; e o rosto era como a de um anjo, que de vez em quando, faz serviços para além do céu. Eu me levantei, para acompanhá-la.

– Mas, falemos de algo realmente interessante. Falemos sobre você – eu pedi.

– É claro – ela disse, puxou a bolsa vermelha que contrastava tão bem com aquela roupa branca e bege e saiu em frente, em direção ao elevador, eu a acompanhei.

– Eu sou como dizem as suas célebres palavras – ela foi comentando até chegarmos ao elevador – a *incrível* Doutora em Saúde Pública. *Vânia Valiente* – ela estendeu a mão. – Não é um prazer, não sou capaz de tamanha mentira.

Parte Sete – Vânia

Uma nova mulher pede uma nova imagem: troquei a cor do cabelo de loiro para castanho avermelhado, abandonei os uniformes cafonas e comprei algumas roupas que ficavam justas ao meu corpo e considereei com o senhor Arantes por telefone uma mudança em meu horário de trabalho. Tudo foi um completo sucesso.

A cigana havia me dito que mudanças psicológicas e emocionais acabam se solidificando quando ocorrem mudanças físicas e na rotina. Ela pediu que todas as vezes em que eu estivesse diante de um espelho, encarasse a minha nova imagem e absorvesse que aquela era uma nova eu: nova aparência, novos hábitos, nova mulher. E pediu que eu repetisse as minhas palavras de poder como eu fizera no dia anterior.

Enfim fênix. Renascida.

Quando no dia seguinte ao tratamento com a cigana eu saí de casa mostrando ser outra mulher, todos os conhecidos tiveram de parar e gastar seus dez segundos de tempo comigo. Nas janelas, carros, até mesmo na rua, as conversas tinham o seu silêncio, os olhares eram atraídos para a minha imagem e eu permanecia como foco da vida das pessoas.

Os desconhecidos também olhavam. Por onde quer que eu passava, minha presença tomava seus olhos e atenção de assalto, obrigando-os a examinar-me, tão altiva, rosto sereno, queixo erguido. Os ajustes do uniforme fizeram grande diferença também, já que os olhares não se restringiam a examinar o meu rosto. O meu corpo silenciava qualquer fofoca sobre “foi abandonada porque é velha, engordou, não dá mais para o gasto”.

Em meu trabalho, surgi como uma nova mulher. A recepção do prédio principal não me reconheceu a princípio. E não era apenas pelo novo cabelo, maquiagem ou por novas roupas. Era a postura. Era como eu me enxergava. Era como eu caminhava elegantemente, pisando firme no chão, sem pressa e sem atraso. O meu simples desfilar pelos corredores já mostrava que eu era dona de mim mesma a ponto dos funcionários me encararem como se eu fosse ainda mais importante – na verdade, hierarquicamente eu era. Só havia me esquecido, pois me sentira fragilizada nas últimas semanas.

Não era mais o semblante de pena que me acompanhava. Os olhares que corriam junto ao meu salto alto seguiam-me atentos, interessados em decifrar a mulher que fora abandonada pelo marido e agora desfilava como se isso não significasse nada.

E não significava mesmo.

Nem mesmo as palavras de Carlos Eduardo.

Quando ele entrou em minha sala, deixei que se sentasse em frente a minha mesa e observasse.

Apenas observasse.

Diplomas cobriam a parede atrás de mim: enfermeira, bombeira, pós-graduações em saúde pública, segurança pública, psicologia, logística. Eu não precisava me desdobrar para respondê-lo

à altura: a minha sala falava por si só. Uma estante de livros cobria a parede onde devia ficar uma maca, objetos de prata e ouro enfeitavam o meu gabinete. A minha poltrona reclinável era alta e confortável como um trono preto majestoso, principalmente ao ser comparada à cadeira acolchoada em que ele se sentava.

Não permiti que nenhuma daquelas palavras me abalasse. Na verdade, deixei tudo aquilo ser levado pelo vento para que eu não me machucasse. Mas eu não permitiria que ele se esquecesse tão cedo da burrada que havia dito. Sentei-me elegantemente, puxei o classificador que traziam todas as informações do bacharel, seus dados pessoais e vida acadêmica, dedilhei e olhei todo o material com cuidado, inclusive a carta do senhor Arantes sobre Carlos Eduardo, junto às recomendações – ou não recomendações – de seu antigo chefe no departamento Cirúrgico.

Era basicamente um aviso do tipo de pessoa que eu estava prestes a lidar. E caso aquilo fosse algum tipo de peça do senhor Arantes ou dos outros diretores de departamento para me afastar de uma vez, eles veriam que essa pequena brisa não me abalaria, em hipótese alguma.

– Antes de qualquer coisa, senhor Carlos Eduardo – tive de chamar-lhe a atenção. – não sou uma enfermeira mal comida, como o senhor disse em *ipsi literis* – comentei. – Sou Doutora. Fiz um doutorado – abri o desktop do meu computador e puxei o nome de Carlos Eduardo no sistema Lattes. – Já você, como pode conferir aqui, é apenas um *formando* em medicina. Nada de doutor para você. Consideraria até não chama-lo de médico, uma vez que, você ainda não recebeu o seu diploma, senhor Dourado.

Conferi as ocupações dele e suas ênfases na universidade.

Nada relevante. Não participou de projetos, não se juntou a laboratórios, nenhum artigo relevante publicado.

Carlos Eduardo tinha ao seu favor apenas um sobrenome importante, que era o sobrenome de um dos donos do hospital. Por mérito próprio nada podia ser destacado.

E o senhor Dourado felizmente era tão crítico e rígido quanto qualquer outro diretor de departamento a respeito das responsabilidades dos funcionários, sejam eles parentes ou não, de pessoas importantes. Então Carlos Eduardo precisava se situar que ele não era mais do que um funcionário. Caso ele quisesse pagar de playboy riquinho que é dono do mundo, que o fizesse da porta para fora, não no meu departamento.

Principalmente em meu departamento, onde os riscos ao cuidar dos pacientes era gritante. Eu não permitiria que as coisas saíssem do controle.

O fitei de esguelha só para observá-lo. Ele permanecia sentado ereto, mostrando sua postura firme. Respirava longamente e seus olhos pareciam faiscar ao mesmo tempo em que brilhavam. Asseei o meu cabelo para trás da orelha e voltei a encarar quem ele era, muito além daquele colosso espartano, alto e musculoso, que me quebraria em quatro pedaços em uma outra situação.

– Posso julgar que o senhor aprendeu primeiros socorros? – perguntei.

– Ah, não... – ele protestou. – *Nem fodendo que você vai me colocar para ficar de passeio em ambulância!* – ele disse, intercalando aquele bico com um olhar que julgava ser sexy.

Até era.

Eu sorri. Tão gentilmente quanto faria com qualquer um de meus funcionários que se negassem a executar uma tarefa simples.

– Perguntei-lhe, senhor Dourado, se o senhor aprendeu primeiros socorros – eu disse pausadamente, para que aquela informação chegasse sem grandes dificuldades aos ouvidos dele. Quando percebi o gesto de sim, prossegui. – E ninguém aqui colocará o senhor de “passeio”. Gostaria de lembrá-lo de uma vez por todas que **eu** sou a sua chefe. E o seu papel é cumprir os seus compromissos contratuais, o que significa que **você** vai fazer o que **eu** mandar – o lembrei. – E nenhum dos seus compromissos inclui passeios.

Tive de rir ao perceber que aquele homão de dois metros de altura tinha apenas vinte e três anos de idade. Fiz as contas rapidamente ao olhar sua data de nascimento e fiquei estupefata. Quase cobri o rosto com tamanha vergonha. Muita coisa estava explicada no comportamento dele. Fingia a postura de um homem, quando na verdade era apenas um menino, tentando impressionar os adultos.

– O senhor tem alguma consideração para mim, senhor Dourado? – o perguntei. Permiti que ele pudesse se abrir comigo e encerrar de uma vez por todas aquela situação.

– Sim, eu tenho – ele bufou. – *Um dia eu vou ser o dono deste hospital e eu vou te foder.*

– Melhore o palavreado – eu contrapus.

O rapaz engoliu em seco. Seus olhos chamejaram e sua expressão permaneceu numa tentativa ameaçadora, como quando uma criatura pequena tenta afastar o predador tentando intimidá-lo.

– *Eu vou acabar com você. Vou te demitir. Vou te foder mesmo* – ele disse, rangendo os dentes, irado.

Eu sorri. Tomei aquela singela ameaça como um afago em meu rosto e caminhei para frente da minha mesa, onde me escorei, para encará-lo de perto.

– Eu tenho algumas considerações para você também – eu disse.

Ele balançou a cabeça. Carlos Eduardo não demonstrava muitas feições, seu rosto raramente exprimia algo além da sua seriedade, mas eu podia ver no fundo dos seus olhos que a bofetada simbólica que ele havia levado, iria ecoar por muito tempo.

– Diga.

– Você não passa de um retrato da sua própria geração. Acha que é especial, mas possui os mesmos comportamentos de todos os adolescentes com os ânimos a flor da pele: querem ocupar uma posição importante sem terem trilhado um caminho, sem esforço, sem suor. Quando saem de suas expectativas românticas e se deparam com a realidade, ficam frustrados, pois percebem que chegar no topo requer tempo. Requer esforço. Requer força de vontade. E vamos encarar os fatos só por um instante, senhor Dourado, eu tenho tudo isso. Você não.

Ele voltou a engolir em seco. Como eu havia pensado que faria. Um ratinho pego roubando o

queijo e encurralado contra a parede.

– Eu compreendo toda essa sua expressão de raiva. Você ainda é apenas um *molequezinho* tentando ter algum espaço relevante no mundo dos adultos. E acha que seu pai é a palavra chave para poder se sentar em qualquer cadeira. Felizmente, o senhor Dourado, o seu pai, é um homem muito rígido. E sabe por cada coisa em seu lugar. E caso o senhor não saiba qual é o seu lugar, senhor Carlos Eduardo, eu vou adestrá-lo, nem que tenha de por uma coleira nesse seu pescoço, para indicá-lo qual o seu lugar neste hospital, especialmente neste departamento, para ser mais específica nesta sala, e ainda mais óbvia: *comigo*.

Carlos Eduardo torceu o nariz. Por detrás daquele rosto barbudo de homem, o coração de um ainda adolescente acabara de ser ferido ao encontrar alguém que não tinha medo de enfrentá-lo.

– Use a sua raiva em coisas mais produtivas. Faça musculação – eu disse, mas eu podia perceber que ele já fazia, e devia continuar, por que aquele corpo... –, termine a universidade, lute para ser alguém no mundo fora da sua cabeça. Sei que passou muito tempo tentando se convencer mentalmente de que você era a última bolacha do pacote, mas eu sinto muito em dizer que qualquer mercado vende o seu pacote de bolacha. E, portanto, o fato de ser a última bolacha não significa nada além de *“preciso ir ali comprar mais, pois esta última não é o suficiente”*. Use a sua raiva de forma construtiva, jamais destrutiva. Senão, permanecerá esse adolescente desprezível que esconde o ego ferido e a frustração de não conseguir ser igual ao pai por detrás de um homem imponente.

Eu disse e lhe dei as costas, coloquei o classificador com os documentos do rapaz em cima de um livro qualquer como se aquilo não tivesse relevância alguma e fitei toda a minha carreira expressa nos quadros da parede. Também encarei a nova Vânia. Sim, aquela mesma, que até dois dias atrás era tão frágil que se sentia vários cacos de um vaso chinês despedaçado.

Alguns segundos depois olhei para trás, para conferir se ele permanecia sentado em minha sala. E permanecia. Carlos Eduardo estava sentado, as duas mãos repousadas no colo, o rosto abaixado, o cabelo que comumente parecia jogado para o lado estava jogado para frente, como uma franja.

– Quando eu lhe dou as costas, senhor Dourado, isto é um sinal para que o senhor saia – eu lhe expliquei os procedimentos simples. – Como o senhor bem tem se informado sobre mim pelos corredores, sou uma mulher muito ocupada e não tenho tempo para educar adolescentes que não saíram da idade mental dos dezessete anos. Termine os seus atendimentos do dia e amanhã eu lhe designarei para a função que o senhor cumprirá de agora em diante. A posição que **eu** julgarei correta.

Parte Oito – Carlos Eduardo

A pior coisa que pode acontecer com um homem é ter as suas duas cabeças divididas.

A de cima queimava de dor. Saí da sala de Vânia vermelho, irritado, fervendo de ódio. A minha vontade era de derrubar aquela estante de livros, virar a mesa dela e arrancar fio por fio daquele computador, acabar com os seus diplomas e... Soquei a parede do banheiro sete vezes e senti os ossos da minha mão receberem o impacto. Tive de ir à enfermaria cuidar disso, pois passado o choque, a dor tomou espaço.

A cabeça de baixo... *bem, ela doía também.* Esse foi um dos motivos da minha demora em sair do gabinete dela. Eu estava fervendo. *Certamente vermelho.* E, irritado não é bem a palavra, digamos que a palavra era... *quase explodindo.*

Como um bom ouvinte, eu a acompanhei dizer cada palavra. E todas as vezes em que eu preparava o meu contra-argumento, a minha réplica, eu percebia o quanto eu não tinha retórica para cada uma daquelas bofetadas em forma de palavras que levei.

Encarei-me no espelho. Eu não era nada sem o meu pai.

Eu não era um bom aluno. Não era um bom trabalhador. Sequer era um bom filho, mas não pensei muito nisso, pois isso se tornaria uma depressão, e o meu foco era viver a crise existencial que era muito mais fácil de ser desobstruída.

Mas uma coisa pedia um espaço especial em minha mente:

Tive de rir da minha própria desgraça: eu estava excitado por causa daquela mulher rejeitada? Da mulher abandonada? Da pobre coitada? Todos falavam nos corredores sobre ela e a minha má sorte era não ter tido a curiosidade de ter buscado uma foto para conhecê-la. Mas quando a vi pessoalmente, me rendi a tudo. Ao olhar, ao cheiro, a doce pele tocando na minha só por um milésimo de segundo. Até mesmo a forma como ela se dirigia a mim era excitante. Ela tinha um ar magnético que ninguém jamais mencionara.

Ela me despiu sem tocar em minhas vestes. Arrancou-me da armadura, quebrou toda a imagem de segurança que eu tentei criar por anos por não me sentir bom o suficiente e me deixou pelado bem diante de si.

E excitado.

Ela me provou, bem diante dos meus olhos, aquilo que os sociólogos e antropólogos tentaram explicar como fenômeno da passagem da Idade Média para a Moderna e também a contemporânea: existem vários tipos de poder. O poder capital (financeiro) é apenas um deles, mas é tão equivalente quanto o poder hierárquico, simbólico ou representativo.

Em dinheiro eu era um milhão de vezes mais rico do que aquela mulher. Eu poderia simplesmente humilhá-la, dizendo que ela era uma pobre coitada que um dia morreria de fome pela aposentadoria, enquanto eu estaria visitando Dubai. Mas eu havia colocado como uma missão pessoal assumir uma posição dentro do hospital e crescer lá dentro para orgulhar o meu pai. E

nisso, ela era bem mais poderosa do que eu. Ela tinha uma carreira, um nome, ela era alguém.

Eu não poderia lutar contra isso.

Mas eu poderia lutar contra as sensações que eu tinha agora.

Lembrei vagamente de um dia em que pegamos um elevador, como dois bons desconhecidos e seguimos os nossos caminhos. Um tempo depois, *recentemente para ser exato*, nos esbarramos em frente à sala do senhor Arantes, e agora chegamos nessa posição.

Ri do infortúnio que o destino jogou ao nos fazer esbarrar na vida do outro.

Ela não era ninguém até uma hora atrás e agora ela é a minha chefe. E eu a odeio do fundo do meu coração.

Mas uma parte de mim não consegue parar de pensar nela. Não apenas fisicamente, mas no impacto psicológico que ela me causou: uma mulher forte, extremamente bonita, que não tinha nada a ver com os boatos dos corredores e que ainda havia lavado a minha alma com formol, não poupando as palavras para me jogar de volta à realidade.

Merda.

– O senhor está bem? – Aline me perguntou.

– Não – respondi rispidamente e puxei os papéis das mãos dela com a mão esquerda, já que a direita estava impossibilitada. – O que é isso?

– O seu capítulo um da monografia – ela respondeu.

– Dez páginas? – perguntei, estupefato. Joguei as dez páginas para o ar, sem dar muita importância e voltei a caminhar pelos corredores do subsolo do hospital, desviando de uma maca a outra.

Aline ficou de joelhos para salvar os seus papéis enquanto eu desaparecia pelos corredores, buscando algo ou alguém para me salvar.

Como eu podia ser tão humilhado assim? Ainda mais por uma mulher como aquela?

Ela não podia estar à minha altura. Ela não era ninguém para falar aquilo comigo. Ela me tratou como se eu fosse um merda e não tivesse que lutar por nada na vida!

- e na real... lá no fundo eu sabia que ela tinha razão –

Sentei em um banco no corredor e fitei o chão, perturbado. Dei alguns cascudos na cabeça, tentando tirar a voz dela dos meus pensamentos. Mas agora parecia que a cada esquina do meu labirinto mental eu a encontrava. O nome dela. O corpo dela. As palavras dela. Ela de costas com aquele maravilhoso traseiro enquanto me dava bronca como uma professora sexy que quer corrigir o aluno.

– Não pode ser... – sussurrei, encarnado o chão, atônito.

Arregalei os meus olhos e fitei a parede vazia, assustado. Cocei a barba, depois esfreguei os

dedos da mão esquerda em meu rosto, só para conferir que aquilo não era um maldito pesadelo. Por que se fosse, definitivamente eu precisava sair dali, antes que gerasse um caos ainda maior.

– *Não pode ser...* – repeti, frustrado.

Tentei pensar na Manuela. Mulher gata que conheci na balada. Vinte e nove anos de idade, eu sempre fui muito chegado em mulheres mais velhas, pois elas sempre aparentavam ser mais experientes, e com homens mais jovens como eu, elas se permitiam tudo, absolutamente tudo. Mas Manuela era apenas um borrão de cabelo preto e olhos cor de mel agora.

Karen! Karen é bem gostosa. Minha caloura de medicina que apliquei o trote, e *apliquei daquele jeito*. Quase destruimos o laboratório, mas não houve problema, eu tive dinheiro para consertar tudo... como ela era? Como é o rosto dela? Por que não consigo lembrar com perfeição o que me fez sentir um tesão estúpido por ela?

Jéssica. A mulher com quem perdi a minha virgindade e fiquei violentamente apaixonado, a ponto de ficar completamente obcecado por ela. Ela tinha cabelo castanho ou preto? Loira? Não...

Mas uma imagem nítida vinha em minha cabeça. Uma morena de estatura mediana, cabelos castanhos acobreados e olhos cor de céu quando amanhece. O corpo era impecável. Uma voz animal dentro da minha cabeça insistia para que eu me levantasse, a puxasse pela cintura e a deitasse naquela mesa que ela tanto se gabava de ter para si e mostrar a ela que eu poderia ser tão bom quanto ela, talvez não no mundo dela, mas no meu. E por mais ríspida e ignorante que ela tivesse sido comigo, cada palavra foi como tirar uma peça de roupa.

Primeiro ela arrancou o meu jaleco, jogando em minha cara que eu não era doutor. Depois ela tirou o meu terno, por que eu sequer era médico ainda, embora ostentasse a pompa. A camisa social branca? Botão por botão, um a um foi embora enquanto ela descrevia tão bem quanto Freud o quanto eu era apenas um pós-adolescente frustrado.

As calças, os sapatos, a sunga, eu mesmo fazia questão de tirar.

Aquela mulher era quente. E me levou ao inferno em cinco minutos.

E mesmo depois de horas, longe da presença dela, ainda continuo a queimar e arder só em pensar no maldito nome dela. Ou no rosto. Ou o que ela agora representava para mim: um desafio.

A pior coisa que pode acontecer com um homem não é ter as suas duas cabeças divididas.

É ter as suas duas cabeças *invadidas* por uma mulher que chega sem avisar, ocupa o lugar e não te devolve o controle.

– *Ela entrou em minha cabeça* – tive de assumir para mim mesmo, enfim. – *Eu não acredito!* – fiz menção de esmurrar a parede, mas encarei a minha mão direita e desisti desse feito.

Parte Nove - Vânia

Uma mulher precisa ser muito forte para trabalhar em um hospital, ainda mais se deseja ser enfermeira.

Historicamente existe um preconceito na arte da enfermagem. Primeiro há o conceito de que quem postulou e passou em enfermagem, queria fazer medicina, e portanto, é uma pessoa frustrada. Em segundo lugar, há uma subordinação simbólica de que o enfermeiro é inferior ao médico e portanto sabe menos que ele – quando na verdade, a maioria das coisas que são feitas no hospital, são feitas por enfermeiros. A terceira problemática é a marmita.

Sim, a marmita. Não, não a do almoço.

Uma enfermeira [mulher] é comumente vista como a marmita do médico. O *lanchinho de final da noite*. O objeto de prazer sexual onde ele deposita seu tesão e frustração, e que é claro, a vítima precisa ficar calada.

Embora o hospital possua uma hierarquia muito bem formada, isso não significa que existe alguém mais importante do que outrem ali dentro. Sem os seguranças, o patrimônio corre perigo; sem as secretárias, as fichas e documentos dos pacientes se tornam uma bagunça; sem a cozinha, teríamos de ir em outro estabelecimento, não comeríamos algo saudável e pegaríamos um monte de bactérias, além do comodismo de termos a nossa comida ao nosso alcance.

Sem os técnicos, sejam eles de enfermagem, nutrição, radiologia, não haveria a primeira triagem e os casos importantes seriam relegados à demora. Sem os profissionais bacharéis: psicólogos, nutricionistas, enfermeiros, médicos, não haveria o atendimento clínico.

Com o passar dos anos o hospital se resinificou. Deixou de ser uma ditadura de pirâmide e passou a ser uma equipe, onde a interdependência é a palavra chave.

Quando entrei no hospital Rota da Vida, eu não era ninguém. Estava me formando em enfermagem, consegui um estágio por indicação de um ex-professor que hoje já é aposentado. Mas cada degrau que subi nessa escada foi pelo meu suor e mérito.

Cheguei como a marmita do médico e hoje eu sou o prato principal.

Nunca em vinte anos atrás eu pensaria que chefiaria um dos departamentos mais importantes do hospital. Mas eu tinha a ambição, a garra e a coragem.

E aqui estou.

E mesmo depois de todos esses anos, o meu departamento possui apenas dois médicos socorristas. Ainda há um preconceito advindo dos médicos de trabalhar em um departamento chefiado “por uma enfermeira”. Mas em sete anos, nunca ocorreram acidentes de trabalho, tudo foi mantido em ordem e nunca houveram reclamações ou processos a respeito dos atendimentos.

E com a chegada de Carlos Eduardo eu espero que as coisas continuem assim.

Somente após o processo com a cigana há dois dias atrás, eu pude enxergar a minha vida sem

George. Eu o sublimei de minhas lembranças e vi a mulher que eu era: terminei os meus estudos, permanecia em meu primeiro trabalho, agora como uma das chefes, tive filhos e durante esse processo fiz as minhas pós-graduações e continuei a trabalhar. George era apenas mais um trabalho. Uma soma na fatia do bolo para que eu me sentisse responsável, útil, e manter as pessoas caladas sobre a minha vida.

Mas o que elas sabiam sobre mim?

Encarei a tela negra do computador desligado e vi uma sombra refletir levemente. Eu não era a Vânia que estava na boca das pessoas, tampouco a Vânia de poucos dias atrás. Agora eu já era outra.

Eu não podia negar que sentia falta de usar as roupas mais simples e correr dentro da ambulância para prestar primeiros socorros e trazer os pacientes para o Rota da Vida a salvo. Às vezes o meu gabinete era vazio demais e barulhento demais também.

Por isso eu preferia sempre sair do mausoléu e andar pelos corredores, para ver se tudo estava em ordem. E ao pensar tão incisivamente na presença dos poucos médicos sob minha supervisão, eu percebi o quanto a rotatividade deles era grande. Era raro um médico permanecer sob minha jurisdição por mais de seis meses. Eu era rígida, não permitia descaso nos atendimentos, pegava no pé para que o serviço fosse o mais transparente e ágil.

Mas com o que eu me deparava? Um atendimento de dez minutos e uma longa pausa de meia hora. Enquanto os enfermeiros e os técnicos tentavam agilizar todo o processo, os únicos dois médicos ali se reversavam para fingir uma agilidade nos atendimentos.

Eu estava sendo vencida pela idade? Era um sistema que eu nunca poderia mudar?

Sentei-me confortavelmente no refeitório, na mesma mesa de sempre e olhei para o teto, depois para a minha refeição. Remexi o creme de brócolis com o garfo e quando estava prestes a leva-lo a boca, tive a minha atenção roubada.

Um jovem rapaz de camisa branca – justa ao seu corpo, demarcando o seu peitoral definido e os músculos do bíceps –, calça branca que também fazia o favor de exibir suas coxas grossas e duras, se sentou à minha frente. Encarou-me por detrás daquele rosto barbado e aquelas sobrelhas grossas e sérias, embora eu soubesse que ele era muito mais lúdico e desbocado quanto aparentava ser.

– O meu amigo ali – ele começou a conversa, virou o rosto sutilmente e apontou para um homem careca no meio do refeitório – pediu para perguntar se está rolando uma tensão sexual entre nós dois.

Segurei o cálice com água e levei à boca, engoli o líquido com demora, enquanto o observava igualmente sério. Mal parecia que um homem com aquela feição poderia ser bem humorado.

Meus lábios imprimiram um leve contorno de sorriso, só para não deixá-lo sem graça, pigarreei e o olhei com austeridade:

– Como está sendo o seu dia, *doutor Cadu*? – dei ênfase em como o tratei, para parecer ainda

mais irônica.

– Está sendo produtivo. Já devo ter perdido uns três quilos de tanto correr – ele disse, puxou uma garrafa térmica e começou a beber algum líquido que eu esperava que não fosse vodca. – O povo gosta de sofrer acidente depois das seis da tarde, né menina? – ele me perguntou.

O riso escapou. Por mais que aquele assunto pedisse seriedade e eu não estava disposta a dar muita credibilidade para aquele garoto, a forma como ele disse e a forma como ele me olhou, me fizeram rir, não tive como fingir.

– É a primeira vez que você trabalha em uma ambulância? – perguntei.

– Para ser sincero, só conhecia por nome – ele brincou. – Mas está sendo produtivo. Nunca pensei que utilizaria algumas coisas que aprendi na faculdade e agora estou mostrando que aproveitei o curso – ele disse com mais seriedade. – Mas e aí, como estão os atendimentos no...?

– Desembuche logo. Eu não gosto de conversa fiada. O que você quer conversar?

Nos analisamos por alguns segundos com extrema sobriedade. Eu não engoliria conversinha fiada.

– Calma. Só vim perguntar como foi o seu dia. O meu foi maravilhoso.

Permaneci com uma dezena de interrogações em meu rosto

– Quer sair da ambulância e voltar para os atendimentos clínicos? – perguntei. – Você deve saber que é incomum e nada usual médicos ficarem em ambulâncias – comentei, engoli toda a água de uma só vez, enquanto o encarava. – É claro que fiz isso só para te punir, e você sabe disso.

Cadu abriu um sorriso cafajeste como se as minhas palavras pudessem significar coisas sexuais. Eu engoli em seco e consertei a minha postura na cadeira para ficar ainda mais altiva e séria, para não dar-lhe brecha de pensar nada.

– Eu sei – ele comentou. Olhou ao redor para conferir se podíamos ser ouvidos e depois pousou a garrafa na mesa, em seguida as duas mãos grossas. – Eu quero ficar onde você quiser que eu fique. Confio em você. Você é a minha chefe. Sou obrigado em um termo contratual a te obedecer. Não é assim que as coisas funcionam?

– Sim – respondi secamente.

Carlos Eduardo balançou a cabeça positivamente, cruzou as pernas e colocou as mãos no colo.

– E, já que estamos tendo este momento, gostaria de pedir desculpas – ele disse.

Vinte interrogações transpareceram em meu rosto.

– Fui muito deselegante em nosso primeiro encontro. Não devia ter dito aquelas palavras a você...

Preferi interrompê-lo antes que a conversa tomasse um rumo estranho.

– senhor Dourado, não precisa se desculpar. Eu compreendo que não foi você que inventou as barbaridades, apenas as reproduziu. Isso já é um caso encerrado para mim. Estamos no trabalho e manteremos a relação de trabalho: estritamente profissional.

Carlos Eduardo balançou a cabeça positivamente, mostrando que compreendia as minhas palavras. Fiquei feliz em estarmos tão bem entendidos.

Eu já ia me levantar quando ele puxou a garrafa e derrubou a tampa dela no chão. Prefери ficar parada para que ele pudesse encontrar a tampa e termos o nosso último contato visual para nos despedirmos.

Mas aquilo estava longe de terminar.

Carlos Eduardo ajoelhou-se no chão e entrou debaixo da mesa para *procurar* aquela tampa. Os panos brancos que cobriam as mesas iam até o chão e portanto, ninguém podia vê-lo ali debaixo. Quando percebi, suas mãos grossas amaciaram os meus calcanhares. Levei um susto, ao mesmo tempo em que preferi manter o rosto sereno.

Cadu chispou os dentes em minhas pernas até o joelho e depois apertou com força entre as minhas coxas. Eu estava pronta para me afastar e me levantar, gritar que havia um tarado no refeitório, mas ele fez questão de empurrar a minha cadeira para trás e saiu da mesa bem diante de mim com a tampa da garrafa em suas mãos.

Eu, é claro, paralisada, observando-o sem saber como reagir.

Cadu levantou-se e passou a língua pelos lábios, enquanto me encarava com seriedade. inclinou o rosto para baixo, para ficar da minha altura e sussurrou palavra por palavra.

– Estamos no horário de almoço, *doutora*. E aqui você não é a minha chefe. Aqui você é apenas uma mulher. Eu sou apenas um homem. E isso é uma selva.

Pude sentir o hálito de hortelã vir dos lábios dele para os meus. Por alguns milímetros nossas bocas não se tocaram. Carlos Eduardo moveu a boca tão lentamente que eu pude acompanhar o movimento que os lábios faziam ao dizer as palavras.

– Se eu fosse você, pegaria mais pesado comigo. Por que quando eu tiver a oportunidade, *eu vou pegar pesado com você*.

Tendo dito isso, ele se afastou, puxou a garrafa e colocou a tampa sem dificuldades, mostrando que não estava trêmulo e nem um pouco nervoso. Ele estava completamente concentrado em tudo aquilo e não parecia nem por um segundo estar preocupado.

Da mesma forma em que ladinamente chegou, Carlos Eduardo saiu, mexendo aquela bunda dura marcada pela calça.

Parte Dez – Carlos Eduardo

O ego é uma armadilha. Não caia nele.

A melhor coisa que o ocidente aprendeu em quinhentos anos foi a meditação. Pois essa arte milenar nos ensinou uma lição muito importante: existe uma linha tênue que separa quem você é do seu ego.

Quem você é se trata do ser, da alma que habita em você. O seu ego é a armadura que você cria para tirar as fotos e postar no instagram.

A diferença se torna clara quando você dedica tempo em ficar em silêncio e encarar a sua vida como ela é. Você é cada uma das seiscentas fotos que tirou, todas sem filtro, sem edição, sem photoshop. O ego é a foto escolhida que passará por recortes, mais luz, menos luz, mais contraste, menos contraste, e que enfim será publicada e receberá três dúzias de corações.

Em tempos modernos, onde a modernidade escorre pelos nossos dedos, frequentemente nos confundimos: eu sou as seiscentas fotos ou a foto que recebeu *likes*?

A resposta é simples: ambos.

E é vital saber isso.

No fundo ainda somos animais. O mundo é uma selva asphaltada. Ninguém anda mais pelado – seria divertido, na verdade –, e os predadores deixaram de ser os leões para se tornarem o banco, as exigências do currículo e uma série de fatores modernos. Ainda assim, agimos por instinto em algumas ocasiões.

Sabendo disso, todas as pessoas encaram a cruel realidade. Existem duas formas de encarar a realidade: ou você é o expectador ou o artista. O expectador olha o quadro de outrem, analisa, julga, critica, dá a sua nota e se dá por satisfeito. Já o artista, ele arranca a obra do outro autor do quadro, invade o quadro, e faz uma nova tela.

Eu não seria mero expectador da vida de Vânia.

Mais cedo ou mais tarde eu precisaria encarar a realidade: sim, eu estava interessado nela. Era o jeito rude? Eram os olhos azuis? Era o choque de realidade por ouvir algo dela e encarar algo completamente diferente?

Não sei. Eu iria descobrir.

Uma parte de mim – o meu ego – continuava a insistir que aquilo não tinha pé nem cabeça. Ela era toda cheia de predicados, era rude, todos falavam mal dela pelas costas...

Mas o meu eu, a pessoa que eu realmente era, continuava a insistir em cavar ainda mais para obter essa resposta.

Por quê?

Por que ela era cheia de predicados, rude e todos falavam mal dela pelas costas...

Assim como eu.

Ela era tão humana quanto eu.

E por mais que o meu ego se sentisse lisonjeado em, bom, vejamos como direi isso, em... *degustar* pessoas que valiam mil coraçõezinhos no instagram, aquela mulher nua e crua como era, cheia de seus próprios paradigmas e incongruências me parecia um grande ímã. E eu estava sendo puxado para ela.

Revirei a noite encarando-me no teto da parede tentando compreender o que havia de errado comigo.

Ok, ela havia entrado em minha cabeça. Era só tirar.

Mas eu queria tirar ela da minha cabeça? Eu queria continuar naquela vida superficial? Eu queria acordar todos os dias e mentir para mim mesmo que tudo ocorria bem enquanto eu ignorava outra face do mundo?

– Bom dia Sônia! – eu cantarolei feliz às oito da manhã quando a vi. Eu já estava elétrico e concentrado para começar o meu turno mais tarde.

– Acordado tão cedo? – ela perguntou. – Não mudaram o seu horário para as 16h?

– Sim – concordei. – E, relaxe, eu mesmo lavei e passei as roupas. Essa brincadeira de ser socorrista me faz usar pelo menos umas duas roupas por dia, não vou atrapalhar os seus afazeres com isso.

Ela ficou surpresa. Eu imaginei pelo quê.

Eu sempre quis ser diferente, mas fui pelo caminho errado. Tentei sendo um babaca e percebi que aquela não era a melhor opção. Eu poderia ser o diferente fazendo tudo o que estava em meu alcance. E em nenhum momento me senti frustrado ou mal por ter feito aquilo.

Ao melhor estilo Baleiro: acordei com uma vontade danada de mandar flores ao delegado, de bater na porta do vizinho e desejar bom dia, de beijar o português da padaria.

Como uma boa pessoa que fazia terapia e yoga, eu sabia que o simples fato de sentir aquele sentimento já valia a pena por tudo e qualquer coisa. Aquele estado de espírito era quase transcender.

Saí todo animado para comprar umas roupas no Shopping, e até cheguei a ir à loja. Mas quando estava prestes a chegar à minha vez de ser atendido, vi pela porta alguém cair no chão.

Arqueei a sobancelha, pousei as roupas no caixa e puxei o celular do bolso.

– Merda – eu disse baixinho, fixando meus olhos na figura do homem que estava caído no chão.

Quando se passaram cinco segundos e percebi que uma pequena aglomeração já se formava e pelo o que eu podia ver o homem não respondia, liguei a tela do celular, desbloqueei, cheguei a discar o número do Rota da Vida, mas e se a pessoa não tive condições financeiras para poder pagar?

Abandonei as roupas e corri com o celular em mãos.

– Se afastem por favor – pedi.

– Precisamos de um médico! – alguém disse no meio da multidão.

– Você! – apontei para a pessoa que disse isso.

– Eu?

– É, você – entreguei o meu celular na mão da pessoa. – Disque o número da emergência, por favor. Mande que enviem uma ambulância com urgência.

Conferi se o homem tinha pulso. Logo em seguida, consertei o corpo dele para que ficasse ereto no chão e puxei a sua cabeça um pouco para trás, deixando seu pescoço esticado.

Puxei as mangas da camisa que eu usava e olhei ao redor para ver se a pessoa já estava chamando a ambulância e percebi que sim.

– *Ok, vamos fingir que é só mais um dia de trabalho...* – murmurei para mim mesmo.

Comecei a sequência de massagem cardiorrespiratória para trazer a pessoa de volta. Eu já havia feito aquilo umas cinco vezes no dia anterior, não tinha como errar.

Mais pessoas se juntavam ao espetáculo.

Apertei as minhas mãos contra o peito do homem rapidamente para alcançar a quantidade de vezes que eram necessárias para reanima-lo e quando terminava $\frac{1}{4}$ da sequência, fechava o nariz dele, abria seus lábios e soprava para encher seus pulmões.

Como eu não tinha alguém com máquinas ou que me acompanhasse, tive de fazer tudo mentalmente. Conferi o pulso novamente e dois segundos depois voltei a pressionar o peitoral do homem para que ele fosse reanimado; eu precisava ser certo, se fizesse forte demais, poderia acabar quebrando a coluna do homem. Se fizesse fraco demais, não teria funcionalidade alguma. A reanimação por massagem cardiorrespiratória tem esse brilho especial: ou você a faz corretamente ou coloca em risco o paciente.

Quando o homem de meia idade tossiu e levantou-se assustado, joguei-me de lado e sentei no chão, encarando-o, ainda surpreso por ele estar vivo.

Somente naquele instante, quando o suor escorreu pela minha testa, percebi o quão era importante ter uma equipe em meu auxílio, acompanhando-me nem que fosse pela contagem de vezes em que a massagem era feita, ou observando os sinais vitais do homem junto a mim. Aquele plateia não ajudava em nada além de comentarem, me observarem e tirar fotos.

– Por favor, afastem-se – pedi, aumentando a minha voz para assustá-los. – O senhor está bem? – segurei com uma mão em suas costas e a outra em seu peitoral.

O homem fez que não com a cabeça. É claro que ele não estava bem. Mas havia sido reanimado.

– Eu preciso que o senhor fique calmo, não se esforce, por favor. Eu sou estudante de medicina, eu me chamo Carlos Eduardo e já foi providenciada uma ambulância para o senhor. O senhor

conseguiria me dizer ou indicar se o senhor foi alvo de envenenamento?

O homem pensou demoradamente e fez que não com a cabeça.

Respirei aliviado. Ele não havia espumado pela boca ou vomitado, isso era um bom sinal.

Deitei-o levemente no chão.

— Peço que o senhor não faça grandes esforços, permaneça ereto e respire pelo nariz e solte pela boca. Respiração três por três, por favor. Depois aumente quatro por quatro quando se sentir mais confortável. Em seguida, pode retornar a sua respiração normal.

Olhei o relógio em meu pulso e contei junto com ele as respirações, indicando quando ele deveria respirar e soltar. A pessoa que estava com o meu celular o devolveu e disse que a ambulância estava a caminho. Agradei.

Conferi o pulso dele e me tranquilizei. Levantei-me devagar e continuei encarando aquele rebanho de pessoas tirando fotos como se aquilo fosse algum tipo de show na tv.

Parte Onze – Vânia

Preferi relocar Carlos Eduardo para os atendimentos. Foi uma decisão difícil, mas eu precisava admitir, ele era muito mais eficiente nessa área. Atendia uma pessoa atrás da outra e a sala de esperas ficava vazia na metade do tempo.

– Se ao menos eu tivesse dois ou três Carlos Eduardos... – eu tive de rir, após comentar isso baixinho.

Após observar o movimento de correria diminuir em meu departamento, dei algumas batidas na sala dele. Ele abriu, surpreso, por eu não ter sido anunciada.

– Boa tarde, senhor Carlos Eduardo.

– Boa tarde, chefe – ele respondeu.

– Foi um dia corrido, não? – perguntei. Conferi no relógio que faltava pouco para o horário do jantar.

Tomei a liberdade de entrar na sala, ele deu licença para que eu entrasse.

– Como está sendo o seu dia? – perguntei.

Ele sorriu. Dava para perceber que o seu semblante transparecia cansaço, mas ele permanecia de pé. Sentei-me na cadeira onde comumente seus pacientes se sentavam.

– Cansativo. Viu as fotos que...?

– Vi – respondi. – “Médico gato salva vidas dentro do Shopping” parece um excelente nome de manchete para ser lançado no mundo.

Cadu arqueou a sobrancelha e caminhou até a poltrona. Literalmente jogou-se nela, exausto. Coçou os cabelos e encarou-me com um sorriso, após conferir a hora no relógio.

– Nunca me senti tão frustrado... – ele disse.

Aquilo roubou a minha atenção, cruzei as pernas e prestei atenção em suas palavras.

– Por quê?

– Ah, você sabe... Existem centenas de motivos para entrarmos na área de cirurgia plástica. Eu só queria a fama e o dinheiro mesmo, não vou mentir. Eu ficava ensaiando em frente ao espelho os discursos que daria, pensei nos nomes das matérias, pensei na imagem que eu criaria... mas... “médico gato”? – ele perguntou. Não parecia muito feliz.

– Desenvolva o seu raciocínio, por favor – tive de pedir.

Chefiar pessoas não significa apenas mandar nelas. Significa cuidar de sua segurança, de sua saúde mental, saber como elas estão, ser praticamente uma amiga e poder segurá-los, quando estão prestes a cair.

– Sei que você irá rir de mim. Está nesse negócio há muito mais que eu. Mas... depois de quatro dias exaustivos, cumprindo o meu papel, ser tratado como “médico gato” me pareceu ofensivo. Não

que eu não seja gato – ele disse, mostrando que ainda estava em juízo perfeito. – Eu sou. Eu sei que sou – ele reafirmou, me encarando com aquele olhar sedutor. – Mas... eu sou um pouco mais do que isso. Queria que a matéria fosse mais sensata e pudesse falar dos perigos da profissão, do frio na espinha que sofri no momento, o quanto é tenso ter uma plateia sussurrando, aplaudindo, te dando conselhos, enquanto você tenta reanimar alguém... *É foda... e me desculpe o palavreado.*

Anuí cautelosamente. Em menos de quatro dias aquele garoto havia se revelado um prisma: a cada dia eu enxergava uma nova faceta dele. Primeiro veio a mais previsível e deselegante. Depois uma faceta de indiferença. Uma mais madura e sedutora veio em seguida. E então a face do humano. Do Carlos Eduardo que era humano, despido de ser um riquinho babaca, playboy, extremamente convencido, achando que todos tinham de se curvar diante dele.

– Quer um dia de folga? – perguntei. Conferi no relógio que faltava pouco para o horário do jantar.

– Não – ele deu de ombros e olhou ao redor. – Eu gosto daqui. Estava levando o departamento cirúrgico na brincadeira, mas eu gosto daqui. Sério. Não me olhe dessa forma.

Não tinha como não olhá-lo. Eram apenas quatro dias. Em quê quatro dias mudariam a vida daquele rapaz?

– É inusitado para mim, me desculpe – tive de dizer. – estou aqui há tanto tempo... nunca vi algo parecido.

– Exatamente. Eu sou único. Não verá nada parecido – ele disse.

Rimos juntos. Concordei com ele e me levantei, para conversar com os outros funcionários.

– *Hum...* posso levá-la para casa hoje? Digo... eu estou de carro, e...

– Não – foi a minha resposta simples.

Carlos Eduardo ficou em silêncio e pareceu meditar sobre aquela resposta. Não explodiu, como imaginei que faria. Ele me encarou calmamente, girou uma caneta entre os dedos e concordou comigo.

Surpresa e aliviada com a reação dele, antes de sair volvei o meu rosto para a sua figura máscula.

– Eu tenho carro. Não preciso de carona.

*

* *

– Aquele rapaz ali – Carlos Eduardo disse ao sentar-se diante de mim, no dia seguinte – Pediu para perguntar se você pode dar uma carona para um jovem estudante de medicina que veio trabalhar de ônibus.

Não pude esconder o sorriso. Ri, enquanto bebia a minha água. Joguei o cabelo para detrás da orelha e olhei para baixo. Aquele rapaz estava insistindo demais nisso tudo e eu não poderia estar menos surpresa.

– Diga ao seu amigo que esse estudante pode voltar de ônibus – respondi. – Ou pagar um táxi. Dizem que ele tem dinheiro de sobra.

Ele concordou, o sorriso cretino entalhado naquele rosto.

– Não me faça derrubar a minha garrafa debaixo da mesa, doutora. Posso me levantar e deixar você toda molhada – foi a réplica dele.

– Gostaria de vê-lo tentar – foi a minha tréplica.

Eu estava tentando ignorar. Mas eu estava entretida naquele joguinho de gato e rato, aquele banho-maria delicioso onde ele se aproximava, jogava o charme e se afastava. E nas próprias palavras de Carlos Eduardo *“naquele instante, eu não era a chefe dele”*.

Tudo o que eu vi foi uma sobancelha sendo arqueada, e logo depois, aquelas mãos hábeis fingindo um tropeço e derrubando a garrafa no chão. O pé certamente a chutou para debaixo da mesa.

Permaneci imóvel. Algo dentro de mim pedia para que eu me levantasse e deixasse ele ali, sozinho, frustrado com seus próprios joguinhos. Mas eu não podia ignorar que ele era uma graça fazendo aquilo.

A garrafa caiu. Aquele homão foi para debaixo da mesa. E antes que eu pudesse soletrar *eletroencefalografia*, senti a língua de Cadu subir das minhas pernas até as minhas coxas. O chupão seguido de mordida foi uma consequência natural.

Eu permaneci sentada, olhando o vazio, a espera de Carlos Eduardo voltar para a superfície, mas ele não parecia muito animado para isso.

As suas duas mãos massagearam a minha panturrilha e sua boca teimava em me deixar marcada na coxa. Ele subiu ainda mais o meu vestido a ponto de deixá-lo em minhas coxas e quase soltei um grito quando senti ele morder a minha calcinha e a puxar com a boca.

Segurei nas laterais do vestido e o desci com força, levantei-me subitamente.

– Boa noite, Vânia – o senhor Arantes me cumprimentou.

– Boa noite, senhor Arantes. Uma surpresa vê-lo aqui neste horário! – comentei.

Carlos Eduardo fez o quê ao ouvir aquilo? Afastou-se? Levantou-se? Não. Assim que me sentei, ele segurou as minhas duas pernas e voltou a deslizar a língua em direção entre minhas pernas.

– Tive de resolver questões burocráticas no terceiro prédio. Você sabe, alunos sempre dão trabalho.

Concordei. Preferi não utilizar das palavras, pois elas saíram como *“aaaaah”* ou *“isso, continue”*.

– Por falar em alunos... – o senhor Arantes examinou a minha expressão. Fiquei preocupada se

aquilo transparecia de alguma forma o que ocorria *por detrás das cortinas do teatro*. – Como estão as coisas no departamento? O novo integrante tem causado atrasos? Problemas?

Fiz que não, junto a um semblante pensativo que comumente seria seguido de uma expressão de prazer. Coisa que eu sequer me lembrava que eu podia sentir.

– Sabe... – ele voltou a puxar o assunto. – Tenho conversado seriamente com o senhor Dourado e estou a alguns passos de impedir que este garoto trabalhe aqui. O próprio pai sabe que ele é uma bagunça. E que traz mais déficits do que soluções. Estamos estudando uma forma de afastá-lo do hospital, pelo menos da parte médica e coloca-lo em um departamento burocrático, onde ele tenha mais responsabilidade e vire homem.

Arqueei a sobrancelha.

– Não... *huuum...* vejo necessidade, senhor Arantes. Ele na verdade tem sido um ótimo funcionário nesses últimos cinco dias. *Não tenho do que reclamar*.

O senhor Arantes aparentou estar muito surpreso. Olhou para os lados, procurando algum argumento, mas o seu tempo era precioso. Ele havia dito o que precisava dizer e precisava ir embora agora. Sem falar que, eu pude ver em seu semblante final, que o fato de Carlos Eduardo estar em meu departamento e agindo de forma regular, isso significava que era menos um problema para ele cuidar.

– Avise-me se tiver algum problema – ele pediu. – Você sabe o quanto é querida e o senhor Dourado compreenderia a sua palavra...

– Sim senhor. Mas não se preocupe, o garoto está se comportando bem.

O senhor Arantes saiu frustrado. *Eu não*.

Tive de usar todo o conhecimento teatral para permanecer extremamente imóvel e concentrada enquanto sentia o melhor beijo de toda a minha vida.

Alguns minutos depois, Cadu se levantou da mesa como quem não queria nada, de volta para sua cadeira, com a boca ocupada bebendo de sua garrafa térmica.

– O horário do jantar ainda está na metade – ele me informou. – Gostaria de mostrar-lhe algo no subsolo do prédio... – ele disse.

– Você não ousaria – eu disse, rindo por dentro, mas extremamente séria por fora.

Carlos Eduardo se levantou. Olhou ao redor para conferir se o senhor Arantes ainda estava por perto, mas ele não estava. Veio em minha direção contando os passos, não tirou os seus olhos dos meus nem por um segundo.

– A não ser que você queira que eu te coma aqui mesmo – ele avisou –, e você sabe que eu faria isso. Com alguma dificuldade, admito, mas faria. Não ouse me desafiar que sou capaz de acionar o alarme de incêndio só para esvaziar o prédio e ter você para mim em qualquer lugar.

Eu permaneci sentada, o encarando. Não sabia se estava molhada pelo ato anterior ou por aquelas palavras. Mas confesso que tive uma leve vontade de beijá-lo, naquele instante.

– Mas eu também estou aceitando uma carona... – ele disse. – Moro só. E eu te garanto que minha casa é incrível. Então vou te dar a oportunidade da escolha. Ou você me acompanha no elevador e vamos finalizar isso, ou me leva para casa e vamos finalizar isso. Eu sei que você quer, não adianta mentir agora.

Não adiantava mesmo.

Eu neguei. Havia ignorado que algo estranho estava acontecendo e me culpei por sentir algo por um rapaz tão infantil e imaturo, de início. Tive medo de assumir para mim mesma que viveria mais uma relação não correspondida e abusiva. E passei a ter raiva da minha má sorte.

Mas ao me deparar com outro Carlos Eduardo no dia seguinte, e mais um, outro mais e mais outro, o vi como uma boneca russa. Ele estava além daquela primeira impressão.

– Saímos à meia noite? – eu perguntei.

Parte Doze – Carlos Eduardo

Quando uma criança sabe que o dia seguinte é natal, fica impossível dormir.

Chega o réveillon, a metade e até o carnaval, mas nunca o dia de abrir os presentes. Foi assim que me senti diante de toda aquela espera.

A noite correu junto a areia de uma ampulheta e cada vez que um paciente entrava com a grave doença de “eu não consigo dormir” ou “minha garganta está seca” eu tinha ainda mais certeza de que amanheceria e eu não sairia dali. Felizmente o meu relógio apitou, indicando que faltava cinco minutos para encerrar o meu turno, e o meu substituto já estava presente na enfermaria.

Fui dar uma última checada na ala de descanso onde ficavam as pessoas tomando soro ou relaxando após aplicação de medicamento, anotei os detalhes em minha ficha e voltei para a sala para buscar minha mochila e a maleta.

– Vamos? – ela perguntou.

Estava lá, de pé, observando o porta-retratos com uma foto do meu pai, minha mãe e eu em uma viagem aos Estados Unidos. Imitei o sorriso de foto, pois aquele definitivamente era um momento único e feliz também. Tirei o jaleco, pendurei-o no braço e saímos juntos.

Quem não viu, que fosse ver. O filho do patrão que agora chegava na hora certa e saía na hora certa após trabalhar por oito horas seguidas, quando, é claro, não se colocava à disposição para fazer plantão – mas a minha chefe não achava aquela ideia interessante, não de início. Talvez fosse um sinal de que ela me queria por perto quando ela estivesse lá, para ficar com os dois olhos e mim.

Entramos em seu carro e eu permaneci como um rapaz educado. Sentei-me, coloquei o cinto de segurança e a instruí de como chegar ao meu apartamento.

– Quer dizer que o Arantes está armando para cima de mim? – perguntei.

Ela não se mostrou surpresa, também não me respondeu na hora em que perguntei. Esperou ultrapassar alguns carros para poder me encarar.

– O que você aprontou?

– Eu? Eu não apronto nada. Como pode ver, eu sou apenas um menino inocente – eu disse. Como se eu mesmo acreditasse naquilo. – Nunca fui com a cara do Arantes, só isso. Ele não me inspira confiança – dei aquela conversa como encerrada e estiquei o corpo.

– Entendo.

– Mas saindo do papo furado agora e indo direto ao ponto, eu estou surpreso de você ter me colocado para trabalhar na sede novamente, em tão pouco tempo. Na verdade, praticamente um dia – eu disse e ri, bem humorado. – O que a fez mudar de ideia tão rápido?

Vânia riu. Eu a acompanhei. Um sorriso tão lindo não podia ficar desacompanhado.

– Você é mais eficiente no hospital – ela respondeu.

Vânia tinha aquela postura de gente que nunca dirige bêbada – não que eu aconselhe as pessoas a fazer isso, mas você reconhece esse tipo de gente. Que é tão certinha, mas tão certinha que se a faixa de pedestres está com a tinta apagada, eles saem do carro para pintar. E eu admirava aquilo. Por que eu era justamente o contrário.

O meu primo Arthur sempre dizia que era possível conhecer uma pessoa ao observar como ela dirige.

– Ficou com medinho das minhas ameaças? – perguntei.

Vânia sorri, com alguma demora. Está aparentemente nervosa. Segura com as duas mãos no volante. Raramente olha para mim. E quando olha, volta seu olhar imediatamente para a estrada.

– Você é o tipo de mulher que gosta de jogar certo. Que quer segurança. Que não arrisca. Que mantém o foco e segue as regras à risca.

– Está tentando adivinhar o meu signo? – ela perguntou.

– Não, não. O único signo que me interessa é você. Você não me parece o tipo de mulher que eu poderia dizer “Vânia é de touro” – eu disse e ela olhou para mim, surpresa. – Por que um signo não pode lhe ter, você é muito maior do que sete adjetivos, dois conselhos e alguns riscos astrológicos.

Ela ficou quieta por algum tempo. Surpresa por eu saber seu signo. E surpresa por eu saber usar bem as palavras.

– Eu sou o tipo de homem que gosta de bagunçar o que está certo. Eu sou caótico. Eu arrisco tudo o que tenho e mais um pouco. Mas igual a você, eu tenho foco. E quando eu tenho foco, eu persisto nele até conseguir o que quero.

– E o que você quer? – ela perguntou.

Coloquei a cabeça para fora e acenei para o porteiro, que não ficou tão surpreso em me ver em outro carro – mas ficou surpreso porque não era eu dirigindo.

– Não sei se você percebeu, mas o que eu quero, doutora Vânia, é você.

Eu não disse aquilo apenas por dizer. Apertei a coxa dela e subi a mão de volta para o paraíso abandonado, onde eu tinha sido deixado de fora algumas horas atrás. Não fui tão sedento a ponto de fazê-la perder o controle do carro, mas foi interessante vê-la tremer no volante, levemente assustada, desejando estacionar imediatamente. Entramos na garagem e indiquei a minha vaga, que na verdade era a vaga de uma vizinha qualquer que eu jogava um charme e podia fazer tudo com ela.

– E como todo bom viciado – eu continuei, os dedos alisavam ao redor de sua calcinha –, eu fico fora de controle quando estou sem o que eu quero. E você cometeu duas burrices em um só dia.

– Quais? – ela perguntou.

– Você decidiu ficar sozinha com um cara tarado. E errou em dobro, porque veio parar no território dele – eu disse. – Saia do carro.

Ela saiu. Eu saí.

Caminhamos em direção ao elevador e ela acionou o alarme do carro para trancá-lo. Entramos a bordo de nossa espaçonave que poderia nos levar até o décimo quinto andar, e eu a empurrei contra o espelho. Segurei no pescoço dela e senti a pele delicada entre os meus dedos, não pude me demorar em beijá-la, para sentir que agora sim eu enfim a tinha em meus braços, para mim, do meu jeito, em meu território.

– Não têm câmeras aqui? – ela perguntou, sem fôlego.

– Tem. E eu não tenho nenhum problema com isso – respondi.

Puxei a perna direita dela para cima e a coloquei em volta da minha cintura, enquanto a equilibrava com meus braços. Meus lábios mataram toda a sede de cinco dias desejando-a em silêncio até assumir que de fato havia uma química, biologia, física, história, matemática, e até mesmo um português rolando.

Quando a porta do elevador se abriu no segundo andar, eu me afastei e pousei as costas na parede, ela ajustou o vestido. Uma mulher aleatória entrou com um sorriso frouxo, não parava de dizer que estava animada para visitar uma amiga no terraço. Eu ignorei.

Segurei com firmeza na cintura de Vânia. Meus dedos escalaram lentamente as costas dela, desejando entrar naquele vestido e poder arranhar a pele dela, marca-la toda para mim.

Quando a porta se abriu para o sétimo andar, eu a direcionei para fora e caminhamos para a terceira porta do corredor. Apertei-a contra a porta e tirei o sutiã dela enquanto colocava a chave e a girava para me dar passagem.

É claro que esperei uma cena de filme americano: a família toda reunida me esperando com uma festa surpresa.

Mas isso não ocorreu. Graças a todos os Deuses.

Empurrei os sapatos para baixo e os retirei de qualquer jeito, e a puxei para os meus braços, para juntos, rolarmos pela parede fria, marcando-a com nosso suor e o nosso beijo quente.

E quanto mais eu a beijava, mais eu a desejava. Fiquei insaciável. Como uma boa droga para um viciado, quanto mais eu tinha a falsa ilusão de tê-la, mais eu a queria. E eu só sabia expressar isso com as minhas mãos, que arrancaram o vestido dela e depois a minha camisa e calça.

– Eu preciso tomar um banho – ela disse.

Beijei as suas costas. Tirei o sutiã.

– Espero que isso seja um convite – eu falei. – Segurei os cabelos dela em um punhado e beijei a sua nuca enquanto roçava o meu corpo contra o dela.

Talvez aquela ideia nunca tivesse passado pela cabeça dela, mas ela sorriu ao ouvir aquilo. Então, sem perda de tempo, levei-a ao banheiro.

Como todo o resto da casa, o banheiro era espaçoso, todo iluminado e revestido de lajota branca com detalhes dourados da melhor qualidade. Mostrei-a o chuveiro, a banheira, o teto, o chão, e todo e qualquer lugar onde ela quisesse ter um pedaço de mim. Ali. Na cozinha. No quarto. Na varanda. Na escada. Na gaiola dos pássaros.

Deixei que ela tivesse um pouco de privacidade de início, mas eu não podia esconder que eu estava muito tarado por ela. Eu mal podia me conter cinco minutos longe dela. E quanto mais eu tocava a sua pele, eu sentia a necessidade de abraçá-la, beijá-la, sugá-la para mim. E quando ela abriu a porta do banheiro para que eu pudesse entrar o meu sorriso não poderia ser maior.

Não tão maior quanto o meu pau, é claro.

Entrei com um longo sorriso e lavei o rosto. E enquanto a banheira se enchia, fui ao chuveiro lavar o meu corpo daquele dia cansativo, mas que me trouxera tanta energia no final da noite.

Para a minha surpresa, Vânia entrou debaixo do chuveiro e ensaboou as minhas costas, massageou os meus ombros e... me masturbou. E naquele delicioso jogo de toque, virei-me para ela, recostei o meu corpo contra a parede e deixei que a água caísse sobre mim, o desejo sobre nós.

Ela se encaixou perfeitamente em meu corpo, como se houvéssemos sido pré-fabricados um para o outro. Colocou o meu pau entre as suas pernas e rebolou bem devagar, dando-me o prazer de sentir sua pele ir e vir em meu membro, atijando-me ainda mais.

O gemido quente escapou da minha boca e os meus olhos não fugiam dos dela. Apertei os seus seios com as palmas das mãos, enchendo-as. Depois fiz os dedos deslizarem e beliscarem seus mamilos. Minha boca já não conseguia ficar distante da dela. Entre o beijo de perdição e o olhar que me deixava cego de paixão, desci os dentes, lábios e boca pelo pescoço dela, marcando-a como minha, como eu queria.

Tomei a auréola do mamilo para a minha boca e suguei com força. Ergui os olhos para encará-la e acompanhar a expressão de satisfação estampada no rosto dela, aquilo redobrava o meu prazer. Por que quando um homem está apaixonado, dar prazer é o ato mais prazeroso que ele pode sentir.

Ver os olhos que se fecham de forma tão suave, os lábios que se mordiscam em tom lascivo, as mãos dela expressarem a força em meu corpo...

Abri bem a boca para chupá-la como ela merecia, entregar-lhe o prazer misturado com pura adrenalina que eu havia guardado em meio a tanto sexo fácil e sem graça.

Aquele não. Mal havia começado e já havia rendido o êxtase que nenhum outro pudera suprir.

Passei as duas mãos por entre as coxas dela e a ergui, pousando-a na parede, o meu cacete em riste pressionando cada segundo mais sua entrada. Terminei de chupar o outro seio e desci a boca pelo abdômen e pelo umbigo, cobrindo-a de beijos e chupões como ela merecia, até chegar no local onde eu havia encerrado o último ato no refeitório.

Uma vez ali, eu precisava fazer as honras. A desci de meu colo e fiquei de joelhos em frente a ela. Empurrei-a novamente contra a parede e enfiei meu rosto por entre suas pernas. Passei o meu nariz, os meus lábios e a minha barba na parte interior de suas coxas, junto aos chupões que deixei na pele tão sensível.

Uma vez que ergui a cabeça e conferi mais uma vez o prazer transcorrer dos olhos dela, chupei o dedo indicador para massagear o seu clitóris, e aí sim, eu a ouvi gemer.

Abri um sorriso safado, de tesão e adoração – não encontraria outra palavra, já que eu estava de joelhos.

Pressionei com a língua junto com o dedo só para conferir as reações dela que eram um show à parte e quando decidi que era hora de parar de brincar, afundei o meu rosto em sua boceta para dar-lhe todo o prazer que eu podia oferecer.

Beijei-a intensamente a ponto de perder o ar. Abracei suas pernas e meti a minha cara com força, afastando-me e aproximando-me num vem e vai contínuo, fazendo com que minha língua fizesse movimentos contínuos em seu clitóris e meu dedo pudesse entrar vagarosamente pedindo espaço em sua boceta.

– Isso – ela disse entre os gemidos.

Eu não teria encontrado um pronominal demonstrativo melhor.

Lambi aqueles lábios junto ao movimento que o meu dedo fazia para entrar e sair sorrateiramente, e não era raro que eu tirasse o dedo, chupasse-o, e voltasse a beijá-la tão calorosamente quanto eu havia feito no elevador.

Quando fiquei novamente de pé, tive de rir ao perceber ela tentar abraçar o meu pescoço. Eu era tão alto que ela precisava se esticar toda. Tomei-a para o meu colo e a apertei contra o meu corpo, misturando os nossos cheiros e confundindo as batidas de nossos corações. Cada pequeno pedaço do corpo dela que eu podia ter sinal era tomado imediatamente por um beijo ou um chupão.

Levei-a para a banheira e deitei por cima dela.

Parte Treze – Vânia

Permitir-se o prazer significa perder o controle.

E eu merecia, pelo menos uma vez em minha vida, depois de vinte anos, sentir na pele a sensação de perder o controle e ser vítima de outras mãos, outra boca, outro tesão que ainda me era desconhecido.

Carlos Eduardo era voraz.

Suas mãos eram ágeis, pesadas, firmes. Quando tocava-me, acendia um fogo primitivo que me obrigava a contorcer as pernas, mover o pescoço para o lado oposto ao dele e permitir-lhe entregar seus beijos. Um calafrio percorria a minha espinha quando aqueles lábios tocavam a minha pele e a barba fazia cócegas e acalentava a minha pele. Suspirei muito mais de três vezes em seus braços antes de chegarmos à banheira.

Deitei as minhas costas sob a banheira e senti a água morna e perfumada invadir a minha pele, definitivamente eu merecia aquilo. Em seguida senti o corpo másculo vir por cima e prender-me contra a banheira. Senti o membro friccionar contra as minhas coxas, a mão esquerda segurar em meu queixo e forçar-me a encará-lo, seus olhos vigiarem cada um dos meus poucos pelos erigidos mediante tal excitação.

– Me diga que você quer isso tanto quanto eu – ele pediu.

– *Eu quero* – não pensei duas vezes.

A mão direita percorreu todo o meu tronco até chegar à cintura e abraçou-me com aquela pegada brusca que o garotão tinha. Cadu recostou-me na banheira e desceu o rosto para os meus seios, voltando a mamar em mim. A boca já não sabia se concentrava nas onomatopeias ou na respiração escassa, o coração parecia uma avenida em dia de carnaval, e a pele ardia como nos melhores dias do Rio de Janeiro.

Voltei a sentir aquela massagem deliciosa entre minhas pernas logo em sequência. Cadu era excelente com os dedos e o seu toque era mágico. E quando não se ocupava em sugar e mordiscar de leve os meus mamilos, encarava-me, completamente sério e voluptuoso, como um animal selvagem que espreita sobre a selva para avançar de uma só vez.

– Se eu conseguir que você sinta o prazer que eu desejo lhe proporcionar, ficarei satisfeito – ele disse, depositando-me um chupão no pescoço.

Viramos bruscamente na banheira. Inicialmente tomei um susto, mas não havia com o que me preocupar. Carlos Eduardo me segurava tão firme que era impossível ocorrer qualquer tipo de acidente ali. Quando menos pude perceber, ele estava por baixo, os braços repousados nas laterais da banheira e o pau hasteado como uma bandeira. Eu estava sentada em seu abdômen sentindo o membro atrás de mim pulsar e esfregar-se contra a linha da minha bunda.

Massageei os seus ombros fortes e foi a minha vez de degustar o calor e o sabor daquela pele.

Sorri da minha própria sorte. Não apenas a de ter Cadu, mas de ter me permitido recobrar a sensação de ser desejada, tocada e agraciada com aquele olhar esfomeado que eu tanto procurei na pessoa errada.

Ergui o quadril e deslizei pelo corpo dele, mordisquei os seus mamilos também e os suguei, deixando-os erigidos a ponto de sentir os impulsos fortes que o seu membro me fornecia.

Rebolei vagarosamente, permitindo que o pulsar frenético dele se misturasse à quentura de meus lábios. Os olhos de Cadu frequentemente se fechavam e ele era bem mais expressivo do que eu nos gemidos. Comprimia os lábios, fazia um bico extremamente fofo e coçava os próprios cabelos, enquanto sua cintura se movia para cima e para baixo, trabalhando o contato entre nossas outras conexões.

Arranhei o abdômen dele com os meus dentes e desci um pouco mais, acomodei-me na banheira e tomei para as minhas mãos o seu pau. Era grande, grosso, digno do corpo daquele homem, ele não deixou a desejar nesse quesito – em nenhum até então, na verdade.

Fiz um leve bico e esfreguei os lábios suavemente contra a cabeça, acompanhando, um tanto envergonhada, devo admitir, as expressões que ele era capaz de soltar. Senti um afago vindo de sua mão direita, que alguns segundos depois se tornou quase um cabresto, uma vez que Cadu tomou para o seu controle todo o meu cabelo. Segurou-o firmemente e obrigou-me a ir além daquilo.

E eu fui.

Entreabri os lábios e senti o sabor único que ele podia me proporcionar. Engoli a cabeça e tive um gemido longo que fez o corpo maior estremecer, remexer-se na banheira e largar-se como se aquilo fosse uma sessão de massagem.

E era.

Massageei o interior das coxas enquanto a minha boca trabalhava em saciar a minha vontade. Era ainda mais delicioso beijá-lo ali, e ele, como um bom garoto esperto, concordava comigo.

Cadu abriu as pernas e escorou-as em cada lateral da banheira, permitindo-me ficar entre suas pernas e engolir cada vez mais uma parte de seu membro nada modesto. Pela expressão que ele fazia, eu não compreendia se tratava da minha experiência em dar prazer a um homem, o excesso de hormônios naquele corpo ou o fogo natural que ardia entre nós dois.

Carlos Eduardo não escondia de forma alguma que estava delirando de prazer, as vezes eu me concentrava menos no ato e prestava mais atenção nas reações dele. Era como observar alguém ter o melhor dos sonhos. E eu não podia esconder que eu parecia estar vivendo um também. Depois de tanto tempo me sentindo rejeitada, à margem do prazer, distante do olhar de todos os homens, aquele era o meu momento.

– Eu quero você dentro de mim – eu disse.

E isso foi o suficiente para que ele erguesse o tronco de súbito ao meu encontro, como se só estivesse esperando o mínimo comando para tomar *atitudes mais drásticas*. E ele tomou a melhor

das atitudes.

Prendeu-me contra a banheira e ajoelhou-se diante de mim. Usou o tato para localizar o que queria e empurrou o corpo em minha direção, permitindo-me sentir seu membro pedindo espaço.

Eu dei todo o espaço que ele precisava.

Abri as pernas e segurei em sua nuca, afagando os seus cabelos, encarando-o vir tão sério para cima de mim, e fui tomada por um beijo, assim como meu corpo foi tomado pelo prazer. Estremeci e guardei o gemido em segredo entre os lábios do meu garotão, que retribuiu beijando-me ardentemente, enquanto lentamente entrava em mim.

Preciso dizer e redizer que foi um show a parte encarar aquele rosto tão sério, como se estivesse tratando de algum negócio extremamente importante, indo e vindo em mim, tão cuidadosamente. Além de sentir-me mulher e desejada, me senti valiosa, como um contrato de um milhão de dólares que minuciosamente precisa ser lido, relido, para então ser assinado.

Empurrei todo o ar quente que havia em meus pulmões para fora, para somente então puxar todo o ar que me era de direito. Carlos Eduardo pousou as mãos em minha cintura e fez ainda mais pressão quando os movimentos se tornaram como uma britadeira, indo forte e feroz, sem parar para respirar um segundo, aterrando em mim todo aquele sangue fervilhando dentro de suas veias.

– Pode gritar, ninguém vai ouvir – ele murmurou em meu ouvido.

Achei tentador, mas preferi permanecer quieta, apenas com gemidos calmos.

Mas ele não.

Puxou os meus cabelos com uma força considerável e continuou a ir e vir forte, encarando-me para deixar claro que aquilo não era uma opção.

Era uma ordem.

O grito veio mais pelo prazer e pela sensação do calor do momento do que pelas ordens, mas de toda forma ele teve o ego agraciado.

Cadu serpenteava contra o meu corpo, esfregando o seu peitoral úmido, um misto de água e suor, completamente arfante. O banheiro já parecia uma sauna devido às nossas respirações e todo o ambiente que criamos.

Em dado momento fui abraçada por debaixo dos braços e mudamos de posição. Ele voltou a deitar na banheira, mantendo boa parte do corpo elevado sobre a água e obrigou-me a rebolar e cavalgar em seu membro. Eu fiz com vontade, completamente enlaçada; não havia apenas um desejo e loucura corporal, mas uma conexão mental inegável que me deixavam ainda mais excitada.

As mãos dele subindo para apertar os meus seios eram um extra.

Os empurrões que Carlos Eduardo dava esporadicamente eram o paraíso.

Mas o seu olhar e o desejo que ele expressava quando agarrava-me e apertava-me contra seu corpo e beijava-me como se eu tivesse todo o ar do mundo, isso sim era a perdição.

Eu queria ter todo o oxigênio da atmosfera para poder beijá-lo, sendo apertada, devorada e eximida de todas as frustrações que me haviam sido cometido.

Mas havia algo especial que eu havia deixado passar em branco.

Enquanto Cadu concentrava-se em meus olhos e mantinha seu foco em ter-me completamente para si, eu vi muito mais do que um jovem rapaz de vinte e três anos cheio de hormônios e alucinado pelo desejo da *minha pele*. Eu me vi, em seu reflexo dos olhos.

E eu não era frágil. Eu não era frustrada. Eu era forte, destemida, realmente gostosa para um senhor caralho. Desejada. O chispar das fagulhas de fogo naquela íris só podia revelar que eu era muito mais do que os espelhos omitiram para mim em tanto tempo.

– Você fica ainda mais linda quando olha para mim – Cadu murmurou.

Sorri para mim mesma ao observar todo o esforço que Carlos Eduardo fez. Desde a aproximação até aquele momento, mesmo em tão poucos dias, ele percorreu uma escala considerável que variou da indiferença ao ódio sem muita dificuldade. E olhando-o para além do que ele era fisicamente – alto, gostoso, bonito, forte, uma verdadeira tentação para os meus sonhos profanos – lembrei-me que ele era apenas um jovem rapaz.

Um rapaz que, como a maioria dos outros rapazes, acredita que sexo é apenas o seu joguinho de prazer.

E Carlos Eduardo não podia ignorar que eu era bem mais experiente nisso do que ele.

Levantei-me vagarosamente, para a surpresa do meu expectador, que como um ímã magnetizado, levantou-se junto, observando-me curioso. Saí da banheira e fui acompanhada.

Como uma fita rebobinada, voltamos à cena do chuveiro. E eu não podia esconder que achava ainda mais sexy aquela água caindo por cima de nós. Empurrei seus ombros largos e arranhei seu peitoral com as minhas unhas, enquanto me era permitido sentir a vibração daquele corpo.

Sem demora, foi a minha vez de ajoelhar. Carlos Eduardo não escondeu o sorriso safado de verme uma vez mais entregando-me ao seu mastro, mas se decepcionou por um segundo ao perceber que eu não usaria a boca.

E sim os meus seios.

Abracei o membro com os meus peitos e não foi preciso fazer mais nada, além de encará-lo bem acima de mim. Aquele sorriso ficou ainda mais delineado, suas mãos afastaram os fios de cabelo que teimavam em atrapalhar a sua visão de meu rosto e pescoço. Foi preciso um único movimento na virilha dele, que se moveu para cima e depois para baixo, para que Cadu ficasse estonteantemente viciado em comer os meus peitos. E ele fez isso sedento, olhando-me como se fosse um animal no cio, mostrando-me toda a sua virilidade e força.

– Você me deixa louco – o homem balbuciou, perdido em seus próprios pensamentos. Arfando junto

aos seus pecados.

– Pois é – comentei. – E acho que este foi o seu erro... Mostrar-me que ainda em seu território, sou eu quem manda.

Ele correspondeu ao sorriso, mas permaneceu hipnotizado em sentir a deliciosa fricção que ocorria quando a sua pele se encontrava com a minha, e juntos formávamos uma sensação extasiante.

Sem avisos prévios, abocanhei o pau e o engoli todo de uma vez só, acompanhando o ritmo das estocadas que ele havia treinado em meus seios e o havia deixado louco. Foi a vez de sentir a minha boca ter a chance de ser fodida, isso sem permitir que os olhos dele fugissem dos meus. Era como ler os pensamentos profanos de uma pessoa que achava que era capaz de escondê-los, mas estavam todos ali, estampados.

– Aproveite, porque será apenas uma vez – eu disse.

– Não me provoque – ele pediu.

Levantou-me erguendo o meu queixo e abraçou-me, prendendo-me em seus braços, rebolando todo o seu corpo duro contra o meu.

– Eu não posso admitir que essa seja apenas mais uma noite de prazer em minha vida. É difícil encarar que não a terei novamente.

Sorri. Joguei os cabelos molhados para trás e permiti que ele me beijasse, junto com toda a sua fome e loucura pela minha pele.

– Eu quero você. Eu só quero você. Você foi um desses achados que a gente não espera, mas quando encontra, sabe que não pode viver sem – ele murmurou em meu ouvido.

Algo que eu esperei durante todos esses anos para ouvir de George.

Girei para ter as minhas costas seguras pela parede e estiquei o corpo, levantando a minha perna esquerda. Cadu embrenhou-se no meio, sedento por sentir o meu sabor, alucinado por ter os seus caprichos respondidos, beijou-me ardentemente como se fosse a última vez que nos veríamos. E eu fui ao delírio.

Fui massageada, tive meus lábios deliciosamente lambidos e sugados, seu dedo como um excelente maestro regeu a sinfonia do meu corpo, que nenhum Bethoven poderia imaginar compor.

E então veio o meu orgasmo.

Foi inesperado, eu tinha ainda mais planos para aquela noite, mas fui tomada de um estado de êxtase que todo o corpo se sentiu dormente e ao mesmo tempo ardeu em febre. O calor subiu dos pés até os fios molhados em minha cabeça e explodiu dentro do meu corpo com uma sensação de acalento, completude, saciedade.

Mas Cadu ainda estava com fome.

Ao melhor modelo de Alice no País das Maravilhas, coma-me e beba-me.

Ele bebeu tudo de mim.

E não contente nisso, voltou a tomar o espaço que já lhe era de direito e me fez gritar mais uma vez de delírio. Seus braços fortes abraçaram-me pelo pescoço, seus lábios chuparam o lóbulo da minha orelha recitando mil posições que poderíamos fazer de agora em diante.

E como castigo por ser tão gentil com aquele jovem rapaz, ele não parou as estocadas até que eu concordasse que haveria uma segunda vez. Uma terceira. Possivelmente uma décima. E que nenhuma dessas fosse a última. A casa – se é que aquele apartamento em forma de mansão poderia ser chamado de casa – ainda era muito grande. E o banheiro era o menor espaço que poderíamos desfrutar.

– Ainda tem a sala de jogos, a sala de tevê, a cozinha, a sala de jantar, o meu quarto, o quarto dos hóspedes, o corredor... – ele foi recitando à sua melhor maneira de dizer que ainda havia muito a se descobrir no sexo com ele.

E eu percebi que ainda havia muito a se descobrir nos prazeres do meu corpo.

O gozo dele veio em seguida e como uma boa mulher, decidi imitar o gesto de carinho, e lhe mostrei que ainda era possível perder o controle, mesmo após ter gozado.

Parte Quatorze – Carlos Eduardo

Quando a bússola chega ao polo norte, o que acontece com ela?

Seu ponteiro estremece e ela fica louca. Não sabe exatamente para onde apontar. O polo magnético foi alcançado e ela não consegue exprimir se era exatamente ali que deveria chegar.

E qual a próxima coisa a se fazer quando se escala a maior montanha do mundo? Depois de toda a desventura de viajar, descobrir o mundo e subir insistentemente para alcançar o objetivo final?

Eis que chega o maior de todos os desafios: descer da montanha.

Em meu inconsciente mantive a mensagem de que Vânia seria mais uma foda. Ela era um desafio, eu precisava escalá-la – e, enfim eu havia escalado aquela mulher –, mas e agora?

Eu simplesmente não queria descer dela. Queria permanecer lá no alto, para sempre, correndo o risco de morrer de inanição.

Tive medo de que no momento em que eu abrisse os olhos no dia seguinte eu me arrependeria de tudo o que havia feito: cada palavra, cada gesto, cada ação.

Mas junto ao nascimento do sol e o meu despertar, veio o sinal de gratidão. E examiná-la dormir era um afago em minha alma. Levantei, preparei eu mesmo um café da manhã e o servi na cama para que ela se sentisse bem, após ter dormido em um lugar desconhecido.

Abracei a sua pele de leve e rocei a minha barba em sua nuca com força, para deixa-la ainda mais desperta.

– Só gostaria de lembra-lo que eu continuo sendo a sua chefe no trabalho – ela disse, após beber o café. Eu não esperaria palavras melhores. – E irei continuar a pegar pesado com você – ela alertou.

Eu abri o meu melhor sorriso cretino.

– Eu não esperaria menos de você. E pelo menos assim, terei uma legítima desculpa para pegar ainda mais pesado com você depois, fora do trabalho, onde o mundo é a minha selva.

Epílogo

Algumas semanas depois voltei para a casa da cigana.

– Ah, eu lhe aguardava ansiosamente! – ela disse animada e saiu girando em minha frente até caminharmos de volta para sala.

Era curioso escutar aquilo dela, uma vez que eu não havia comunicado que iria ao seu encontro. Mas eu sabia que tinha uma dívida com ela, havia deixado metade do pagamento no dia em que começamos o processo e lá estava eu de volta para pagar o final do trabalho.

– Como você está querida Vânia? – ela perguntou.

– Maravilhosamente bem! – eu disse. Tentei procurar alguma palavra para melhor exprimir todos os fogos de artifício que explodiam dentro de mim, mas “maravilhosamente bem” soava de acordo.

Ela sorriu. A cigana tinha aquela aura de ser uma pessoa extremamente grata e isso era contagiante. Eu já havia percebido isso em nosso primeiro encontro, mas eu não era capaz de exprimir ou compreender algum nível de gratidão naquele estado.

– O seu trabalho foi excelente. Assegurei o meu emprego, sinto-me renovada e tudo tem ido bem.

A cigana concordou. Seus olhos maternais brilharam.

– E, gostaria de pedir desculpas por ter aparecido naquele dia, eu estava desesperada, sem saber o que fazer. E foi tolice vir aqui pedir que você trouxesse o George em 7 dias para os meus braços...

– Mas eu nunca disse que traria George em sete dias para os seus braços – a cigana me interrompeu. – Eu disse que traria **o seu amor** de volta em sete dias.

Encaramo-nos diante daquela charada tão aparentemente fácil de ser resolvida.

– Você trouxe o seu amor de volta no primeiro dia, querida. Você é uma guerreira. Não relutou, ficou aberta à transformação e renasceu. A causa de sua morte foi a mesma causa de seu renascimento e foi isso o que ocorreu. Você renasceu. Redescobriu o seu amor. Trouxe-o de volta depois de tantos anos.

Permaneci quieta, a encarando.

– Eu sou apenas uma humilde mulher que auxiliou e tornou mais fácil o seu reencontro com a Vânia que estava dentro de todo esse casulo. Você é essa pessoa, renasceu de sua própria vontade, abandonou o seu caminho vicioso que a colocara no abismo e aceitou refazer o seu caminho. Estou surpresa que em tão pouco tempo você já aparente ser, pelo menos aos meus olhos, outra mulher.

E eu era.

Outra mulher.

Jamais a mesma do início de toda a Odisséia.

– Entendo. Então George nunca foi o meu amor – refleti.

– Mas isso você já sabia há algum tempo, não? – ela perguntou. – É muito difícil que outras pessoas fora de nós tenham a capacidade de nos amar, quando nós mesmos não somos capazes de tal feito. E sabe, Vânia, por mais que releguemos isso, cada partícula nossa é essencial a respeito de quem nós somos. As nossas imperfeições, varizes, estrias, manchas. As nossas doenças, tristezas, lembranças ruins e decepções. O nosso ódio, mágoa, dor e caos. Tudo isso faz parte de quem nós somos e precisamos amar isso também, pois assim, nos amamos por inteiro. Se escolhemos ser apenas metade, estaremos destinadas a encontrar compulsoriamente outra metade [da laranja]. Mas quando somos inteiras, isso se torna uma opção. E como opção, não nos sentimos obrigadas a obter o amor compulsório de um homem, que nós sabemos, eles se amam acima de qualquer coisa.

– Acho que entendo.

– Você trouxe o seu amor de volta, querida! – ela disse. – E por ter o seu amor próprio de volta, agora você pode reconhecer quem você é: próspera, forte, saudável, bonita, atraente, experiente e que pode ter *qualquer homem* aos seus pés!

Agradei as palavras e paguei o final de todo aquele trabalho. O melhor dinheiro já investido em minha vida recente.

Olhei para aquela sala e visitei a nostalgia de cada momento: o meu choro, a minha súplica, a minha dor, a insegurança, minhas palavras para o espelho, meu corpo revestido de argila, o momento em que dormi... tudo aquilo havia sido sagrado.

Quando chegamos à porta, a cigana ainda disse:

– O amor é como a terra, querida. É eletromagnético: é preciso dar para receber. É preciso ter para atrair. É preciso enviar para receber mais. E agora que você o tem, todos os caminhos estarão abertos! Desejo-lhe todas as bênçãos do mundo!

– Obrigada – agradei. Eu sabia que merecia.

E, por fim, enquanto entrava dentro do meu carro e observava os transeuntes que me olhavam, tão curiosos, focando sobre a minha vida, provavelmente... o fato de eu estar visitando uma cigana... o fato de eu não dar a mínima para o meu ex bundão... o fato de eu namorar um rapaz tão jovem, bonito e atraente que parecia demais para mim, encarei a delícia de ser quem eu era:

A melhor coisa que pode acontecer quando se vive uma história é perceber que sim, caralho, a protagonista dessa história é você!

Trago o seu amor de volta em 7 dias

Copyright © 2017 Yule Travalon

Capa: Lucas Bernardes

Revisão: Daniel Rapchan & Brena Luz.

Todas as personagens e locais são fictícios e fazem parte da imaginação do autor. A capa apenas ilustra o conto e não obriga aos leitores enxergar as personagens como são retratados. Explore a sua criatividade.

Sobre Yule

Yule Travalon escreveu, escreve e escreverá. Suas escritas versam sobre erotismo em geral (*dedicou-se à literatura homoerótica em 2016*), ocultismo, astrologia e tarot (*em sua página Chave Arcana*), prosa e poesia em geral (*em seu blog pessoal*). **“Trago o seu amor de volta em 7 dias”** é o segundo conto da coleção de Contos de erotismo e magia, **“Café Coadado na Calcinha”** é o primeiro.

E-mail para contato: yuletravalon@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/yuletravalon/>

Chave Arcana: <https://www.facebook.com/chavearcana/>

Conheça Café Coado na Calcinha

Para ser bem sucedida, uma empresa precisa de diversos tipos de funcionários em sua hierarquia: o chefe, o cara que pensa ser o chefe, os membros do conselho, os diretores de departamento, os empregados que realmente trabalham nesses departamentos, os seguranças que protegem o patrimônio, as secretárias que catalogam e organizam tudo, e, por último e não menos importante, eu. Quero dizer, a moça do café.

É claro que eu não faço isso por prazer. Quem, afinal de contas, acorda e diz: “Que dia maravilhoso! Meus planos atuais são finalizar a minha monografia sobre análise de discurso político e focar em minha prioridade, aquilo que me distingue da humanidade, que me fará ser lembrada por séculos: ser a melhor moça do café desse país”. Não. Nem pensar. Ninguém faz isso. Muito menos eu que sou uma das melhores alunas do curso de Jornalismo.

Então por que ainda estou aqui?

Infelizmente, o mercado de trabalho é muito competitivo. Caso você não seja rico ou tenha um padrinho em sua área de atuação, esqueça o comodismo, a escada é longa e é preciso subir cada degrau. Você – se tiver a mesma sorte que eu – irá começar por baixo. Bem por baixo. Abaixei mais um pouco as expectativas. Mais um pouquinho dentro do poço... Isso, aqui mesmo, no meio da pata da vaca quando ela pisa no próprio cocô. Some essa realidade a um país em crise, a aposentadoria dos seus pais que está atrasada e uma dezena de pacotes de miojo no armário: eis de onde surgiu a incrível moça do café.

Sem contar que o mercado de trabalho exige ter experiência. Para a minha sorte, tenho PhD em fazer um bom café. E não se espante, para preencher essa vaga eu precisei provar que tinha inglês fluente, que era comunicativa, sorridente e claro, tinha seios e bunda grande. Fui contratada num piscar de olhos.

A parte mais fácil do meu trabalho: fazer o café. A mais difícil: lidar com o assédio advindo dos homens da empresa e dos que comumente eram entrevistados ou visitavam a agência para publicar seus artigos.

Homens tem o incrível dom de ignorar o fato de você ser gente com sentimentos, sonhos e frustrações. Eles tipicamente pintam a mulher apenas como um pedaço de carne – e no meu caso, um pedaço de carne que andava sensualmente até eles, para servir-lhes café. O sorriso vinha acompanhado. O olhar de moça indefesa e ingênua era regra da empresa. Ah, o senhor quer duas colheres de açúcar? (É mais ou menos aqui que abaixo o rosto e balanço os peitos sutilmente).

Eu podia ver pelo reflexo dos olhos de cada um deles. Toda vez que uma moça de 1,70, longos cabelos negros descendo em caracóis, olhos expressivos cor de avelã e boca marcada por um batom vermelho aparecia no corredor, as cabeças logo se curvavam para analisar o rebolado. Essa figura emblemática de sorriso largo empurra o carrinho como quem está dirigindo essa empresa importante; caminha felinamente até cada mesa como se estivesse prestes a fechar um bom negócio, e tem livre acesso à sala mais importante do prédio: entra na sala do chefe que sempre está ocupado demais para olhá-la nos olhos, e desocupado o suficiente para observá-la

de costas.

Nossa, que sinistro falar de mim mesma em terceira pessoa.

Voltemos ao cerne da questão.

Comandada e liderada por homens, a empresa sempre demarcou o lugar da mulher em sua hierarquia: servente. Todas as ideias geniais que vieram de mulheres brilhantes, mesmo as mais simples de como aperfeiçoar os arquivos e organização dos documentos, foram todas ignoradas. As mulheres só deviam seguir, caladas.

Não se surpreenda, mas a empresa começou a apresentar um declínio constante em suas assinaturas, vendas e alcances na internet. O padrão jornalístico antiquado que não se adaptava ao novo mundo estava derrubando o que antes era um verdadeiro império. Foi então que as demissões começaram a acontecer.

Primeiro foram os membros improdutivos dos departamentos – não os chefes, aqueles inúteis –, mas os que produziam pouco, devagar e de forma inconstante. Diminuíram os seguranças, as secretárias... e a outra *moça do café*, a Bárbara, uma cinquentona com três filhos para criar, essa rodou.

Eu, Giulia, permaneci.

Depois veio o segundo corte: diminuíram os departamentos, relocaram os chefes para cargos figurativos, mas que ainda assim lhes era permitido receber muito bem, demitiram mais funcionários, diminuíram o número de secretárias e nem ousaram tocar em meu café.

Na terceira leva, recebi aviso prévio.

Aviso prévio é uma das piores coisas que pode acontecer para alguém ansiosa como eu. E não posso esconder que odiei servir de objeto sexual para um bando de *marmanjo*, para no fim ser descartada inescrupulosamente – *eita que palavra bonita* – como todas as outras.

Eu sabia que não permaneceria na empresa e continuaria a servir aquele bando de incompetentes por mais 25 dias. Não foram apenas uma, duas ou três vezes em que enviei artigos meus e ideias para aprimorar o site e a revista física, fiz isso dezenas de vezes – fui ignorada em todas. Sem contar o descaso com as mães solteiras, as mulheres mais velhas e a *falsa* crise, onde era impossível pagar o funcionário, mas todos os chefes de departamento estavam trocando suas Ferrari por novas.

Eu sairia daquela empresa sim, mas não o faria sem fazer um bom barulho.

Numa quarta-feira, dessas em que os meus pensamentos pareciam bolhas de sabão, flutuando e estourando em revoltas sobre a situação que passava, eis que fui parada na rua. Uma mulher segurou o meu braço e puxou-me até si e me encarou como se estivesse em transe.

– Posso ler a sua mão, querida? – ela perguntou.

Era uma senhora, devia ter uns trinta e cinco anos. Os cabelos negros estavam soltos e esvoaçavam junto a brisa, sua vestimenta era de cigana: um longo vestido vermelho de mangas longas, um xale

repousava sobre seus ombros, os pés descalços no chão. Estava adornada de joias douradas: braceletes, colares e uma pequena pedra púrpura na testa. Ela girou o dorso da minha mão direita e examinou as linhas presentes na palma.

Respirei fundo e olhei para os lados, meio constrangida, meio atordoada ao imaginar quais seriam as palavras que ela proferiria. Preparei-me para o baque. Mas tudo o que ela fez foi sorrir docemente e me encarar com a sobancelha erguida. Trocamos olhares reticentes por alguns segundos, até que ela dissesse:

– Você sairá do seu emprego... – ela começou.

Puxei a palma da mão para conferir. *Em que maldita linha ela havia tido tal revelação?* Boquiaberta, olhei até mesmo as linhas finas, as menores, as que eram ligeiramente interrompidas...

–... Pedirá demissão – ela concluiu.

– Ah, então a senhora se engana – retruquei em um tom docemente irônico. – Fui demitida mesmo.

A cigana segurou firme em meu punho e analisou a palma novamente. Devolveu-me. Puxou a esquerda e prolongou-se ali.

– Sim, criança, você *foi demitida*. És subalterna. Cheia de violência e revolta como o mar, mas contenta-se em ser um pequeno aquário. Não realizas todo o potencial que tens porque não quer. Não toma medidas drásticas. Não acredita em si.

Trocamos olhares demorados. Eu sabia que ela estava certa... ela não sabia se eu pegaria a minha bolsa e daria uma pancada nela. Mas continuei a ouvi-la, atentamente, já que não é todo dia que uma cigana te para no meio da praça e lhe descasca a alma.

– Se você estivesse no lugar de seus superiores, pequena criança, efetuaria um trabalho surpreendente. Intriga e inveja a tiraram de seu ganha pão – ela comentou e encarou-me, solicita. – Mas este não é o seu fim. Ainda serás solicitada nesse lugar e será de sua escolha pedir a demissão. A mão esquerda diz sobre o passado e tudo aquilo que já foi. A mão direita diz sobre o presente e tudo aquilo que é e será. E eis como é: *sua cabeça ferve para se vingar*.

Assustei-me e puxei a mão de volta. Encarei-a, um pouco aflita e assustada, por imaginar que aquela mulher havia lido algum dos meus pensamentos naquele curto período de tempo.

– Como você sabe disso? – perguntei-lhe, a sobancelha hasteada. Os olhos vagando pela praça movimentada, por cada um dos transeuntes, preocupada em ser vista por alguém do trabalho.

A cigana riu. Puxou de alguma fenda do vestido um velho baralho. Fez questão de embaralhar em minha frente e abrir o leque para que eu escolhesse uma carta. Fiz sem pressa, deixando o meu coração ser a trilha sonora. Puxei a carta do rei de copas e a entreguei.

– O seu chefe é um moço moreno, pele branca, cabelos negros, olhos azuis e porte atlético. Ele abrirá os seus caminhos. Vista uma calcinha vermelha por sete dias, no oitavo dia, coe o seu café com essa calcinha. Enquanto o líquido neutro se transforma na bebida favorita dele, você dirá: *“Nenhum homem acima ou abaixo dos céus, nenhum homem que esteja a minha direita ou a minha esquerda, é forte o suficiente para resistir ao meu poderoso encanto. Eu te chamo, eu te conclamo:*

seja servo aos meus pés, viva apenas para o meu desejo, que o meu corpo ao surgir em teus olhos seja como lampejo". Então sirva-o em sua melhor bandeja e estará feito. Os resultados virão rapidamente, criança.

Escutei-a, boquiaberta, desconcertada e impressionada. Gravei aquelas palavras o suficiente para repeti-las por mais dez anos de minha vida. Quando estive pronta para respondê-la, após absorver tudo aquilo que havia me sido dito e dado, a mulher desapareceu. Não menos do que de repente, assim como ela havia se aproximado, segurando o meu braço e me puxado, a cigana desapareceu na multidão e sumiu de minha vista, sem que eu soubesse seu nome, onde encontrá-la ou como agradecê-la.

– *Maluca!* – tive de dizer.

Continue lendo em:

<https://www.amazon.com.br/dp/B01MZ81JTR>